

EDIÇÕES AQUÁRIO

SILVA CARVALHO ISLA VISTA

In most of his writings Silva Carvalho insists on the provisional nature (confirmed in the title of his book *Improvisação Provisória*) of all of his suppositions and propositions, and, accordingly, the kind of poetry (he calls it “poretics”) that Silva Carvalho performs is open-ended in character, experimentally employing models and metaphors and styles from various domains and eager to draw upon the diversity of human experience. Considering some of Silva Carvalho’s specific strategies I take issue with certain deconstructivist readings (due in part to the author’s convictions acknowledged in some of his rare theoretical texts) that regard Silva Carvalho as rejecting the poetical enterprise altogether. I believe Silva Carvalho is very much committed to poetry, albeit poetry of a nonstandard sort.

Primarily concerned with the nature and quality of human life (having in account his own experience), the problems he thinks and writes about concern individual and social questions, such as the inescapable condition of people living under capitalist rule, the solitude and alienation that that entails, the relation one has nowadays to language, death, etc. Indeed Silva Carvalho sees certain mainstream concerns and positions as rooted in dubious presuppositions, and much of his work, until now, involves original efforts to remove them from the agenda by exposing their questionable foundation.

Phil Webster

EDIÇÕES AQUÁRIO

SILVA CARVALHO ISLA VISTA

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *ISLA VISTA*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

edicoes_aquario@hotmail.com

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <http://www.silvacarvalho.com>

OBRAS PUBLICADAS

Poesia

(em português)

SUOR DO TÉDIO (1969) Edição do Autor
MEMÓRIA DO PRESENTE (1977) Brasília Editora
CANÇÕES (1978) Edição do Autor
ASSIM (1979) Brasília Editora
ESSAS VOZES (1983) Quatro Elementos Editores
ANTES O PARAÍSO (1985) Black Sun Editores
75 SONETOS (1985) Solcris Editora
AO ACASO (1986) Brasília Editora
SETEMBRO (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

DA ESTUPIDEZ (1988) Brasília Editora
ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (1989) Brasília Editora
NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA (1990) Brasília Editora
EM QUESTÃO (1991) Brasília Editora
O PRESENTE, A PRESENÇA (1992) Brasília Editora

A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO (2003) Edições Aquário
CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL (2004) Edições Aquário
CYPRESS WALK (2007) Edições Aquário
SONETOS PORTUGUESES (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
4328 (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

(em francês)

LES TROIS AGES (1973) La Pensée Universelle

Porética

TRILOGIA PORÉTICA :

O PRINCÍPIO DO ECO (1993) Brasília Editora
TEORIA DA DISPONIBILIDADE (1994) Brasília Editora
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (1995) Brasília Editora

MAIS OU MENOS (1998) Black Sun Editores
NEW ENGLAND (2002) Edições Aquário
MEDIOCRIDADE (2003) Edições Aquário
AS ESTAÇÕES (2004) Edições Aquário
TETRALOGIA FÁTICA (2005) Edições Aquário

DÍPTICO MUSICAL (2005) Edições Aquário
ELAÇÕES DO PEJORATIVO (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
LOGO (2013 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
TALVEZ (2014 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário
MUITOS ANOS DEPOIS (2015 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

Romance

PALINGENESIA (1999) Fenda Edições
O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (2000) Tertúlia Editora
QUE ESTUPIDEZ! (2003) Edições Aquário
O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (2004) Edições Aquário

Ensaio

A LINGUAGEM PORÉTICA (1996) Brasília Editora

Ao Frank F. Sousa

LIVRO I

O ENIGMA DA IDENTIDADE

PRIMEIRA PARTE

O NOME

SEMPRE

A realidade da vida, se a há, identifica-se
com o sentimento que se possui a cada instante.
Não há saber entre o homem e a natureza,
mas a impressão orgânica que vive pela ideia.
Ciências transformam o homem numa ilusão.
Se verdade há, esconde-se algures onde o som
da palavra inexistente como sublime substância.
Apetece, para quem vive, sentir pelos sentidos
que a eternidade não tem começo nem fim.
Mas há o mundo, ser nele, respirar a terra
onde o planeta é uma nesga de chão possível.
Homem, ser e mundo coincidem com o triângulo,
mas é só mais um esquema entre mil percepções.
A vida arde, dilui o mecanismo da existência,
desvirtua o que de essência nunca possivelmente
foi. Há ainda o tempo e o espaço, entidades
queridas do ocidente que se imola como acidente
do que a humanidade tem feito do único homem.
Vive-se aí, não se sabe onde. Sabe-se como,
mas o porquê escapa-nos: resta-nos a rotina
de diários gestos perpetrados pela vontade
quando o acaso se confunde com um destino.
Vive-se, até se morrer, profundamente isentos
no que respeita à intimidade com o nosso ser.
Há que fazer, e diz-se a sobrevivência, sorrindo,
como se fosse assim que tudo se resolvesse.
Intimamente sabe-se. Não é desespero nem ódio.
Sabe-nos a vida, e no entanto, não nos quer dizer.
Um sibilino silêncio, e o espanto de quem sente
na descoberta o maior dos logros, a falta ingente.
Solução? Continuar sempre, cegos de tanto ver.

8/10/85

FORA DO TEMPO

A indelével impressão, incoercível necessidade
de sentir como possível quanto se vive e sofre,
um verso algures, uma pequena frase significando
do exterior o alívio profundo da intimidade.
Viver, e quanto se soletra no sonho labiríntico
onde corpo e alma dançam ao som da ignorância.
Um espaço terrível, a memória desperta ruína
do que talvez foi se ainda se consente sopro
ao espírito que nos alumia em plena obscuridade.
Há tudo, e tudo há em volta, basta olhar e ver,
sentir pela ausência o verdadeiro determinismo
da humana presença presente pela natureza.
Não é um sonho, sentir a realidade, o desejo
de ficar sem permanecer, a vontade inglória
em autenticar pela carne o mistério factual
do sentido previsto como dolorosa premonição.
Viver, viver cada dia que passa, fulgurante
mecanismo onde quem se é se dessente pessoa
para que a voz possa merecer o desígnio alto.
Solidão coincide com este momento: pressentir
a multidão de mundos que vagueiam consciência,
um eu sitiado, um corpo temporal, um olhar
tão deslumbrado que pensa existir onde nada
jaz, onde tudo resplandece como sussurro fatal.
Viver, e súbito, como se a revelação possível
fosse, desistir de respirar, o único espanto
incapaz de palavras ou de língua, um sofrimento
tão grande como se nascer tivesse que ver
com esse momento, esse minuto fora do tempo.

14/10/85

SOL

Dizer sol, outra vez, sobretudo agora,
quando o sol desaparece lentamente
no que em mim é natureza e me devora,
um ouro despido do sentido imanente.

Sol, oh tanto sol! como se já outrora
tivesse vivido outro amor ardente,
um sol impossível em qualquer hora,
mas tão sol que desfigura o poente.

Dizê-lo lentamente, assim, sem medo,
soletrá-lo como nome, fome essencial,
sol de mim disfarçado em eco tredo.

Encanto terrível da humanidade fatal,
senti-lo como fogo, luz, íntimo uredo,
sabê-lo indizível como som inaugural.

14/10/85

UM SILÊNCIO

Sobre este grande silêncio que é viver
sem se saber de onde a onde falha a imaginação,
cai, como uma emoção que acontece, um espanto,
indestrutível língua navegando pela ignorância.

Um silêncio tão íntimo que abarca o mundo,
um esquecimento onde nenhuma alma recupera
quanto do tempo é mistério se a carne se cala.

Aí respiro, animal e homem e horizonte, fogo
onde nenhuma tutela por mais arcaica que seja
corrompe o limite da sensação e do medo.
Aí, nesse lago sem história, a vida fala.

Ser transmite à palavra um estranho desejo,
fugir, sair do corpo para se poder sentir
algo como uma viagem onde o sol ilumina
quanta terra desobedece às leis do universo.

Estranheza! Sentir inviolável de um nada
que espreita a cada esquina, suada memória
interrompida como um beijo que demora.

17,18/10/85

ENTRE

Não saber o que sentir é uma falácia
tão moderna como desejar pensar sem saber
com que ideias ou palavras ou sinais.

Aqui estou eu, milenário pela consciência
do riso que soletra uma predisposição
para o vazio do olhar, a realidade nula.

Existe, vejo e ouço, a cumplicidade avulta
quando os sentidos não sabem em que terra
perder a natureza de uma humanidade cruel.

Há um desconforto, como um desarranjo,
viver pela pele a carne e o mundo, a raia
quase terrível onde por vezes se enlouquece.

Entre é o espaço do que outrora seria alma.
Que resta? Um murmúrio vindo do invisível,
o desgosto por tudo ser apenas a totalidade.

Nada mais há, quero crer, creio esse possível
como uma súbita criança que possui o medo.
Na ambiguidade reside a destruição do homem.

Tudo aparentemente tão calmo e ao mesmo
tempo tão severo, esta luz desaparecendo,
este dia a mais, máxima sem filosofia.

As árvores e o saber, ou a ilusão de que se é,
um espelho, uma vacância, uma memória achada
no ilimite da existência como metamorfose.

Trata-se de viver. Sem saber como. Viver
o desejo e o horror, a angústia e o prazer,
o tempo indiferente entre o nascer e a morte.

22/10/85

DISPERSÃO

Um esforço intelectual terrível,
querer sentir pela vida quanto da vida
se vai nos enclavinhados dedos dispersos.
Mas sentir como, e para quê? Atrai sem dúvida
o embotamento, não a loucura se ela é quanto medo
surge em camarinhas quando a dor é de cabeça.
Terrível, mais uma vez, é o adjetivo.
Medo, a substância. Que fazer? Espera-me
que fim? Sujo de tanta realidade, sem saber
que homem ou que mundo nesta perdida terra,
estou desfigurado pelo vazio onde nenhuma voz
cicia qualquer brilho da imanência. E o sol existe.
E a sombra. Vejo, terrivelmente desperto e dorido,
as palavras sibilando, os sentidos seduzidos
por um real que se desmente.
Terei coragem para dizer: vivo?
Perco quanta mocidade foi de mim o suspiro
do que nunca possuí,
espraio-me em versos verídicos
como se ainda fosse possível pôr em questão
sinais contrários de filosofias e políticas.
Que sentimento? Que ardor? Que clima?
Nenhuma paz, só o solitário desejo de partir,
página ou tela, telúrico ensejo onde urge
reconhecer a vacuidade como bandeira
desprovida de vento.
E depois, sensual, o que chamamos a natureza.
Um fora, um impossível como alcance,
a voraz necessidade de se pensar um verbo
capaz de alegria ou de humanidade.

28/10/85

TEMPO

Os dias inseguros esvoaçam cintilantes
de leveza desumana, perde-se qualquer coisa,
uma pedra, um objecto, uma alma.
E perder dói como se saber que algures
age quem não se é e se ignora,
uma sombra na língua onde a metáfora
arde como erva corrompida pelo sol.
Sempre se perde, a vida, os anos, o tempo,
a consciência do horror que subjaz categórico
a este imbróglho denominado sentimento.
Passam os dias, evolum-se na poeira do homem,
perdidos esqueletos onde a imaginação
despede a trivialidade do pensamento.
Terrível, ser-se do mundo a fogueira,
do espaço que rodeia a sombra impossível
de um destino despedaçado pelo incógnito.
Rói um remorso inaudito, sofrer não mais,
é a canção, e no entanto, quanta dor
deslizando severa como um castigo forçado.
Seguem imperturbáveis os dias, as horas,
e tanta indiferença mutila, mata.
Ouve-se vozes, não é ainda a loucura,
mas a matéria do degelo falando orgias
onde os signos representam apenas nada.
Nasce um desejo, ir tão longe
que o próprio longe possa adquirir outro
estatuto, outra clarividência, outra metamorfose.
Mas é aqui que tudo se passa, se vive,
mesmo se no sofrimento de uma dimensão
que falta. Perde-se a realidade.
Respirando, deitado no chão da inclemência,
um homem sente em si os dias inseguros,
seguro de que não é nele que tudo se passa.

28/10/85

A NOITE

Até aqui é noite como outrora o foi
quando o continente e a percepção eram outros.
E cai inexpressiva sobre o olhar da gente,
um grito mudo se a consciência a reconhece.
Nunca foi tão difícil escrever o que quer
que seja: as palavras são essencialmente
outras palavras e o mundo perde-se de ignorância.
O coração deblatera. O pensamento abstruso
abre-se como uma cratera, se viver é isto,
quisera conhecer o canto terrível do saber.
Mas alguém suspira, um homem, um velho poema
parodiando a nostalgia da incongruência,
quando a contradição não significa mais nada.
Noite toldada pela luz fria de prédios severos,
por que sou injusto com a cidade?
Longe, mas visível, o mar medita ondas céleres
sobre uma praia onde todos os ruídos
falam do universo. Pena que seja destruída
a forma, a fórmula possível do discurso.
Humano só nos resta o corpo, a sua fome,
o medonho deslize do sangue percorrendo ávido
um horizonte tão desconhecido como a morte.
Não há limite, e no entanto é o fim
o que nos espera, na esquina mais próxima
de uma cidade onde viver foi uma epopeia.
Quisera sentir-me para poder sussurrar
pela noite fora este deplorável dentro onde
me imiscuo, um crime, uma despersonalização
desrazoável. Ninguém me é e eu sinto. Inexistir
espalha-se como a névoa da imaculada manhã,
que vozes miméticas mussitam ou embriagam?
Noite mais que possível, um rasgo na clivagem
da idade, sem testemunho nem defesa, apenas
iniludível como se pensar a pura eternidade.

28/10/85

OUTUBRO

Outubro desfalece mais como impressão
e preconceito do que por necessidade real.
Mas a noite cresce e sente-se no fino ar
que algo deveria acontecer para que a natureza
continue a ser o receptáculo maior da ilusão.
Vive-se um homem como se isso fosse possível,
o doloroso corpo doendo pela cabeça enevoada,
o vazio sem saber se é espírito se alma.
O sol persiste, variável e teimoso, um monstro
de segurança e de platitude, dando esta luz
que paira sobre esta parte do globo,
a sensação terrível de uma ineficácia.
Não há momentos perfeitos, nem o privilégio
é apanágio deste tempo por demais habitado.
Vive-se quem se pode, e olhando as árvores
quase ancestrais sente-se que se está a mais,
um outro mundo no universo singular da terra.
Outubro desdobra-se pelo fim do mês,
a janela é outra, o país é outro, a família
ausente significa apenas que há mais exílios
do que aqueles que vêm nos dicionários.
Nenhuma tristeza, senão, por vezes, a nostalgia
como expressão de uma ausência, talvez do riso
da criança que nunca se pôde ser na realidade.
Dispersos os sentimentos, as ideias nulas,
circunvagando deploráveis através do corpo,
como se a aurora pessoal não necessitasse
de luz, nem da escuridão que antecede o brilho.
Vive-se quanto se repete de gestos rebuscados,
nenhum movimento da alma, nenhuma sacudidela
mais tenebrosa que o desejo fictício e tácito
quando o sexo se levanta pleno de sangue.
E no entanto Outubro perde-se irremediavelmente,
a estação avança, imperdoável mecanismo
onde nenhum homem comanda o destino ou a sorte.

31/10/85

A CEFALEIA

Seduz e entenebrece a cefaleia horrível,
ser-se tanta carne e doer assim o corpo
é como desmerecer a integridade física.

Não há olhar possível mas tu queres sentir
muito mais, ir mais longe na senda desconhecida
onde pensas encontrar a solução do enigma.

Não te satisfaz perpetrar assim cada gesto,
morrer em cada suspiro, como se eternidade
fosse quanto se deseja só depois da morte.

Mas a matéria compõe o tempo, e o horizonte
desfalece absorvido pela inutilidade do olhar,
um estigma cortando o silêncio da desmedida.

Nenhum conceito dá a vida. Só a forma feliz
lisonjeia a necessidade de paz no interior
terrível onde o caos advém como impossibilidade.

Impregnados de medo e de dúvida e de horror,
berramos cânticos inaudíveis, choramos humores
como se a vida soubesse em que fim acabar.

Amamos e odiamos o começo, lembramos vozes
que ciciaram mentiras quando o leite materno
integrava o vermelho preso de um sangue.

Estar e viver e existir esbarram no ser
como uma fogueira que não reconhece o fogo
como o seu mais íntimo escrúpulo de consciência.

Levitamos sobre a terra de ninguém, ninguém
nos chama ou nos reconhece, somos tão pobres
que escrevemos histórias para esquecer a vida.

31/10/85

AMOR

Desejo, amor, é quanto sobra do que se perde pelo tempo, a janela aberta diante do mundo, o coração opresso pulsando como um pênis que não sabe onde recolher o seu esplendor.

Amor, viver deixa de ser a assertiva forma de um poema depauperado pelo desequilíbrio, é antes aquela mágica interrogação, um ébrio olhar onde o espanto se deduz pelo sofrimento.

E depois, amor, que prazer, senão a perda sentida como um desmaio teratológico, ardor do espírito tentando reencontrar no corpo uma jangada ou plausível tábua de salvação?

Na insuportável dor, amor, se cria o possível, viver-se quotidianamente quanto mundo longe é uma necessidade para os fulcrais sentidos que governam a distância sem alcance.

Corpos fomos, corpos somos, seremos terra lambida pelo frio dos insectos protectores, nenhum amor sobrevirá, mas só a memória que fica gravada no inestimável poema.

E no entanto, quanto suor, quanto calor, tanta a apetência de permanecer sem ficar, entrando e saindo de mim em ti, de ti em mim, no desespero animal quando o tempo inexistente.

Pelo orgasmo, amor, se vem ao imo do ser, e o mistério se abre como porta perdida onde nenhuma casa habita a pura imaginação de uma necessária solvência pelo fogo!

31/10/85

A REVELAÇÃO

Quando nem a verdade nem a tragédia
surpreendem mais quem escreve com o fito
na insuperável amizade que desune os homens,
então, imperturbável como a natureza,
a palavra surde, irreparável e carnal,
deixando no livro uma impressão de nada.
E o livro que se abre como vulva apetedida
é a vida, as suas metamorfoses terríveis,
entre a ignorância sábia e o saber inútil.

Aí inexisto, apenas homem, homem de penas
tão grandes que desfalecer não é mais mito!
Aí, nesse terror onde a abertura cósmica
desafia a inteligência e os sentidos, eu
traduzo uma língua impossível como dizer
amor a quem não o merece ou dele prescinde.
Mas estou aí, não duvido. A fantasia cresce
como desbravar etimológico de outro sopro,
a grécia do começo desfralda ao vento nenhum
de uma esperança que sobrevive moribunda.

E depois, é sempre assim, pára-se um momento,
olha-se em redor, vê-se: árvores tão altas
que a janela limita-se ao tempo pelo meio,
e um céu azul condizendo com o calor furtivo
que se expande pelo dia desfeito em afazeres.
Há sempre alguém que medite, sou esse homem,
indiferente ao social empreendimento do vazio,
capaz de utilizar o tempo como se o fascínio
obedecesse a um ultimato da necessidade vital.
Nenhuma verdade nem nenhuma tragédia, ó amor,
e no entanto sente-se um destino arfante
perpetuando em palavras a revelação de tudo.

6/11/85

A FUTILIDADE

Patético e sensual o discurso dito poético
entrega-se ao mimetismo da transcendência,
pensamentos evoluem-se como se a tosca emoção
possuísse um sentido diferente do humano.

Casual e triste, a palavra divide-se, o amor
transluz enquanto o ódio seduz pelo clima
que cria quando a vida surge como um filme
onde ninguém arde de paixão ou de mistério.

E então, aquilo que foi silêncio e sibila
irrompe como um estado avançado da loucura,
as línguas ignoram-se, as falas perdem-se
num terrível roldão esfriado pelas cinzas.

Quem escreve quer ser, quem é deseja viver
para poder testemunhar o sofrível imbróglio
onde essências e existências dançam felizes
ao som tempestivo de uma vacuidade sincera.

Nada se transcende, tudo coexiste na medula
do sonho, uma pedra é um sentimento eleito,
uma emoção estabelece o diálogo com o real,
desconhecidas as regras do jogo em pura perda.

Perguntas e respostas anulam-se. As ações
como a meditação igualam-se, viver é morrer,
pelo espaço como pelo tempo, diante do furor
que galvaniza em dispersão o conceito humano.

Salva-se quem se perde, quem da palavra oca
faz reverberar o eco intransmissível, a voz
milenária do desassossego quando o homem
sente que compreende a futilidade do mesmo.

6/11/85

A EMANCIPAÇÃO

Na electricidade da noite esta claridade
disjuntiva, como se o poder fosse na natureza
uma obscenidade gritante e ao mesmo tempo feérica.

Obscuro e eversor, o sentido. Pela solidão
o espaço em volta desmembra-se em apocalipse,
riso é quanto se pretende sem se conseguir.

Um olhar concreto, o papel como se fosse a luz,
o palco terrível onde nenhuma imanência
transcende o deplorável mecanismo da criação.

Querer tem um sujeito que se esconde no verbo,
as palavras cintilam, faíscam, sibilam seduções
onde a própria carne não se reconhece humana.

Mas que fazer? Onde ir? Que escrever? Tarde
demais para voltar atrás, é em frente que jaz
o brilho de uma essência incapaz de mitologia.

E no entanto, arfa, reluz, transparece vivo
um coração de homem perdido na civilização,
os livros escritos e os sentido lívidos.

Achar a vida no meio de tudo isto, que ser?
Viver a morte como um presságio irredutível,
e depois sorrir por a terra ser tão louvável.

Finge-se temperamentos como inteligências,
um eu sem identidade, incorrigível sombra
perdurando no ilimite onde nenhuma palavra é.

Resta-nos a noite, o sem sentido de cada coisa,
fica-nos a memória celestial de um encontro
onde a emancipação desejaria ser mais exacta!

O LUGAR

Não é uma casa, mas o lugar onde se trabalha.
Línguas sulcam o silêncio dos corredores,
nenhuma delas é a nossa, todas nos pertencem!

Escreve à máquina um homem tão desconhecido
como dizer eu quando não existe nenhum espelho.
Espalha-se pela noite o clarão da electricidade.

Nenhum simulacro, ó caos, nem de ti um sopro,
mas a cegueira quando os sentidos represos doem
como cascatas de sangue sulcando o deserto.

Que corpo me assume, que carne assoma, feliz,
por entre o nevoeiro de símbolos simplistas?
Que inteligência sofre quando o silêncio age?

Há como um choro pela retórica do verbo indeciso,
vozes nenhuma desaguam, o primevo encanto seduz
o tempo de um lume quando o fumo desaparece.

Que destino, ó catástrofe? Que dor, ó solidão?
Nenhuma palavra tão sublime e subtil que diga
o sofrimento desta hora, o desespero desumano!

Apenas um fingido e intelectual silêncio,
a apóstrofe como construção de um limite
onde seja possível sentir que se vive homem.

Quem nos fez tão desmedidos e estrangeiros?
Que pátria se atreve a não merecer o gemido
quando o corpo desobedece à nítida vontade?

Trabalhos terríveis, os nossos, todos os dias!
Viver em fingimento o deslize do insano tempo,
perder em cada minuto o vagido do nascimento!

UM VISLUMBRE

Dói deplorável a imagem fugidia
entrevista no vidro da janela obscura.
Um homem. Temporal como de que se veste,
imbuído de história até ao que de si esvaece
quando a palavra não atinge o âmago.
Ei-lo, o que, por ser, nunca advém, nem aparece
pelo vulto, pela sombra, pelo silêncio.
Único como uma limitação da consciência,
ei-lo, erecto, seduzido pela noite,
quando o exterior é uma cidade navegável.
Há mar mais ao fundo, ele sabe-o e deseja.
Há, depois de tudo, até do sofrimento,
a terra que levemente adeja para que o poema
seja não só possível como inútil.
Nada há a dizer, e no entanto diz,
como um flagelo, este simulacro perdido
onde o silêncio do mundo arde de ambição.
Que a palavra falha, sabe-o. Nada mais sabe,
basta-lhe não se sentir a silhueta recortada
como um escarro na inclemência do tempo.
Vive de nada, sobrevive apenas ao mistério
onde nascer e morrer seduzem pelo carisma
que existe onde da vontade nada mais importa.
Vê-se ao vidro da janela, nenhum espanto
o assusta mais, sabe-se bem longe da terra.
Não se pergunta: define-se pela linguagem
o ínsito medo, o mádido desejo de permanecer
para além da carne, do lugar, do tempo.
Sorri. Nenhum livro o contém, todos o descobrem,
uma imagem, um fardo, uma contingência.
Que destino? Sibila sem arte o coração,
a mente perdida no desconsolo da harmonia
porque a estadia foi um sortilégio.
Viverá até quando? Ignora. Hora a hora
desconta quanto desconhece, o odisseia certa
de um vislumbre interrompido pela presença.

8/11/85

MEDIOCRIDADE

A chuva e a música, a tarde aquecida,
o domingo solitário num país estrangeiro.
E o papel é tão branco sob esta luz artificial
que apetece preenchê-lo com sentimentos
perdidos na voragem da idade, com emoções
tão casuais que uma futura leitura
fará de mim uma espontânea monstruosidade.

Mas nenhum sentimento me invade. Alguma dor
pervaga irresoluta pela cabeça e pescoço,
sofrer é um alimento diário, não a substância
deste desde já impossível e inútil poema.

Fragmentos esporádicos de nenhum génio
dizem-me confissões de tal maneira humanas
que a vergonha tinge meu rosto de perplexidade.
Espaços visíveis como esta paradoxal janela
deixam-me ver o presente, nuvens toldadas
por um cinzento tão anímico que penso sentir
a natureza nas minhas veias como no sangue.

Ilusões. Pouco do homem me vive, e se respira
ainda um amálgama de nervos e carne e espírito,
é porque algo na existência está errado.
Círculo em círculos tão excêntricos
que é puro jogo de palavras proferir o verbo,
ciciar pela pele a luz de um dia finalmente
ideal. Viver, assim, é como comparar o ruído
do mundo ao sentido nenhum de uma ausência.

Falta pois acabar. Sem nada ter dito, mereço
sem dúvida o apreço da retórica moderna,
as palavras incensadoras de uma mediocridade
que não só me deixa lívido como me conforta.

10/11/85

O LUGAR E A HORA

Quer, profundamente, ser uma revelação extática
do que não acontecendo nos aparece sinal
de um real tão íntimo como o cósmico além.
Não se importa com o tempo nem com o espaço,
mas é-os de tal maneira que só a náusea
governa num esplendor onde a palavra falha.
Tem olhos, fá-los ver o comum horário da vida,
sentir o calafrio de uma vertigem que atinge
as raias telúricas onde a loucura da sintaxe
reaparece como interpretação quase ontológica
do logro, da fraude e da messiânica imbecilidade.
Perdeu do sonho a concreta membrana do abismo,
exsude abstrações onde nenhum leitor imaginado
poderá ler o impossível de um alto destino.
Existe sem autor, como influxo divino e sereno
de um branco tão essencial ao sentido
que o próprio silêncio se reconhece ruído.
Viajou pelas fronteiras do homem, soube ser,
escapar ao mistério das coisas que maltratam
toda e qualquer alma sobrevivendo ao cataclismo.
Um dia foi música, perdeu-se nos meandros
da inanidade celebrada, buscou viragens céleres
para margens onde a monstruosidade obcecava.
Mistura presente e passado e futuro como eco
impondo ao mundo a obesidade da metamorfose,
se escolhe certas palavras é porque o nada
possui ainda um escondido sentido no corpo.
Deseja apenas a utopia e a ucronia, a poesia
entenebrecida pelo diálogo que sustém entre ela
e o que foi e ficou do mundo como profecia.
Sobra-lhe um estranho riso, é, de nascimento,
a tragédia impossível, o drama medíocre,
a epopeia individual de quem não só ignora
como se desconhece, um ritual de ágeis sons
sibilando no sempre começo como estremeço
procurando o lugar e a hora da possibilidade!

10/11/85

A PAIXÃO

Ei-lo que reaparece, o sentido esdrúxulo da paixão. Não só a palavra com seus mimetismos selvagens, mas também o ritmo perdido da perda no mais profundo da carne, no mais excruciante limite das assonâncias que se rebelam.

Plena é a cegueira, e dizer assim nos confins da memória é como um crime que se comete por bem. Tal é a paixão, uma dor sensual num íntimo, vazio onde ressoam águas quando o fogo arde pela carne que medita o impossível de um destino humano.

Como se a confusão fosse o palco da genialidade, como se o caos tivesse em si o humano eco de um paroxismo elevado ao grau máximo da loucura. Esta é a actual paixão, sentir que se age mal quando se perde o sentido de uma nomenclatura.

Lambe-nos o fogo, os olhos não vêem, o mundo prefigura-se sem dimensões palpáveis, a medida escolhe um objecto sem referência, é a agonia como outrora fora o êxtase, um silêncio cívico berrando o paradoxo de uma mentalidade aflita.

Nenhuma realidade existe porque tudo nos afoga, porque tudo nos afaga, terrível e desmedido, uma mão levando a cegueira ao horizonte pobre das emoções sublimadas pelo medo e pela prisão, quando o sentimento em música se esboroa.

É a paixão, novamente, depois de tantos anos achados no redemoinho da falsa meditação, é o lume ágil reverberando na ferida espiritual que se abre como flor ou vulva, a comparação tão desnecessária como senti-la ainda viva!

10/11/85

ESTRANHA MÚSICA

Estranha música, esta dor fingida por verdadeira,
este estado onde nenhuma ideia colhe um abrigo,
onde nenhum sentimento sacode o corpo telúrico
capaz de modificar as leis da própria língua.

Quero lembrar, lembrar quem nunca fui, um outrora
que vigora nas entrelinhas do meu tédio, quero
sentir a contingência das coisas pelo mundo
quando a viagem é invenção e cataclismo.

Não é o festejado vazio quem me visita assim,
mas o sentido explícito de um movimento louco,
um revérbero impossível saído do caos natural
abstraido no simulacro de um poema inaugural.

Não foi esta rima estúpida quem me elucidou,
antes foi a linguagem asseptizada do sonho
que me levou a querer de novo pressentir
aquele que nunca fui e jaz pleno na memória.

A noite é agora tão presente que deixo quase
adormecer os meus únicos sentidos, ei-la,
essa mulher que foi criança e me disse amor
entre envergonhados risos de uma educação.

Transpiro de dor, ó verbo!, meu destino falha,
mimo uma respiração humana para me poder ver
naquele que sem dúvida fui quando a juventude
nunca correspondia com o clima da saudade.

Música tão transcendental que rio do sonho,
mas o medo é quem escreve este sofrível poema
onde a inautenticidade atinge o cúmulo férvido
da indecente realidade onde me faço homem!

10/11/85

SEGUNDA PARTE

O LABIRINTO

INSOLVÊNCIA

Misérias da carne, ó dor!, quando o corpo
instila na consciência o medo da morte,
o famoso minuto seguinte, a queda, o corte
como suado esplendor e fim da existência.

Sair da cama é um esforço tão metafísico
que só o flébil sorriso rodeia de mutismo
a cefaleia horrível onde um outro destino
perpassa como carcaça da ideia insultuosa.

Não há fuga nem para onde ir; há o incerto
caminhar num quarto tão desconhecido que
é puro sonho desvirtuar o ritmo do poema
com uma rima tenebrosa e desplacentada.

Porque a língua tem que ver com quase tudo.
E quando a desesperança dança ao som final,
nenhuma essência alcança o brilho feérico
de uma ausência extrapolada como oco sinal.

Seduzir a morte, para quê? O medo modifica
este homem que habita o tempo do desejo,
a vida é apenas um beijo que nunca se deu,
espasmo do corpo sentindo a eternidade.

Nada a fazer senão continuar o martírio,
uma hora de alegria cercada de tristeza
quando o delírio faz ver pela cegueira
o muito que se perdeu ao viver a natureza.

Assim se passa, assim se julga o limite,
respirar pelo nascimento a possibilidade
infinita de um estertor que galvaniza,
o futuro reencontrado na parede branca.

11/11/85

O QUE É

Ao contrário de muitos poetas de muitas línguas não me interessa abrir ou prolongar a consciência para reinos desconhecidos dos sentidos já comuns. Como é já me basta, tanto o sofrimento com o real quando o corpo se expõe indefeso ao sujo espírito de todas as coisas que o mundo contém em substância. Não me interessa devassar o Mal nem beijar o Bem que coexistem na totalidade de tudo como contradição, só me interessa, biologicamente falando, viver a chama de um prazer depois que o desejo disse o seu nome. E mesmo se nada significa dizer vida em vez de viver, e mesmo se viver nos aparece como um mistério hirto, preferível é mil vezes nada sentir pelo sentimento quando o sol da terra desperta no encanto sublimado. Não me interessa a realidade do além como do aquém, nem sequer me interessa a realidade como é percebida. Não sofrer é tudo quanto almejo, passar pelo tempo como anjo que ignora as leis do universo possível, sentindo dentro de mim o esplendor da natureza, a brevidade do orvalho ou mesmo a monstruosidade de um fim que se aproxima em passos lentos de neve. Basta-me estar aqui, porque é aqui que tudo se passa, a respiração animal e a angústia quase metafísica de um homem se sentir homem porque perdeu de vista a origem, o palco, a aurora sensual do outro mitificado. Solitário e vulgar, interessa-me destruir as raízes do pensamento com absurdidades tão legítimas ao olhar de quem já não pode sentir a epopeia de nenhum verbo. Deixo à ominosa inconsciência o papel diáfano e sevo de uma margem de onde cantam as sereias modernas. Não sei se tudo está perdido, mas o que é e me escolhe basta-me, como um silêncio sideral dilatando em novelo a minúcia terrível de se estar desperto na contingência.

12/11/85

MEMÓRIA, MEMÓRIAS

O segredo imperturbável da esfinge jaz
perdido como um fim de civilização,
um recomeço do homem incansável.
Voz terrível, a do espasmo anímico
quando o corpo quer viajar no tempo
e sobre as pedras deixa o sangue salvo.

O apelo traduz que língua ou continente?
Aflito, aquele que nunca foi poeta,
sente-se compelido a sentir a ausência
como uma novidade vinda dos ossos seculares.
Não sabe onde ser, que casa habitar, e sofre
a violência do silêncio intransmissível.

Tem no olhar todo o tempo sem história,
um horizonte de dúvida onde a vida diária
reaparece voluntária ou sitiada pelo ódio.
Nos ouvidos as vozes cantam tantos hinos
que só a natureza possui tais ruídos,
memórias de uma terra despovoada.

Ignora onde nasce, em que ventre permanece,
inseguro e exacto, como uma nuvem doente
deslizando pelo infeliz mimetismo da pedra.
Passado e presente inauguram uma escrita,
a da sedução quando a inteligência ciciza
e dita a emoção que não luz no sentimento.

Mais do que gesto humano, antes a palavra
solta e selvagem, um som cósmico e enraizado
no mecanismo desnaturado da consciência.
E ele que nunca soube nem o começo nem o fim,
sofre melodias antiquíssimas, feito poeta
para um nada que sobrevive sem memória!

12/11/85

EIS-ME

O crepúsculo terrível do dia, como o sinto,
neste solitário derrame da consciência
quando nenhum poema me dirige uma palavra!
Mas esforço-me, ó musa, e tu sabes tão bem
como eu que não desistirei de atingir o nirvana!

Viver tão pleno que nenhuma dor possa cicizar
seu mal, viver por dentro como se a natureza
trouxesse em si o esplendor de um labirinto,
a falta, o odioso carisma de uma ausência
perdida no truísmo nevrálgico da sensibilidade!

Sofrer basta. Passam os dias, ódios de mim
massacram a cândida esperança num prazer!
Quem fui desfigura-me, quem me alcança
estrangula o pouco de alegria que ousava
sacudir meu corpo diluído no quotidiano!

Olho sereno e selvagem o sol caindo no mar,
que mentira me redime do Bem que sempre amei?
Olho e dentro do olhar navego como uma solidão
onde o artifício da língua desnuda o selo
outrora pensado eterno e hoje já maculado!

Tudo se resume ao medo, de morrer breve e nu
como homem nenhum soube viver a fragrância da flor,
um mimetismo sensual de nervos desaguados
na fogueira discreta de uma sofreguidão
incapaz de sentido, de sentimento iconoclasta!

Eis-me, ó vazio, diante do mundo uno e visível,
soltando ais perdidos na indiferença textual
de um poema que se assume como o resto do amor
que arde quando o diálogo inexistente e só o ritmo
predispõe a leitura de um universo diversificado!

13/11/85

QUE FAZER?

Se é o ódio que me definha, que fazer, amor,
de quanto humildemente amei nesse fora
onde outrora perdi a consciência do limite?
Onde estou para sentir a vertigem do medo,
o cataclismo de um mundo que se irrealiza
como cadavérico desmembramento da idealidade?

A água existe, o fogo arde, a terra desdobra-se,
o ar envolve-nos de estações, umas agrestes,
outras à altura do desejo quando o arrepio
arfa fora do ritmo próprio da natureza ágil.
Mas só a consciência parece ser real, a mão
maravilhada de uma imaginação quase possível.

Que água me banha, senão a do diário banho?
A que fogo me lanço quando afirmo a liberdade?
Da terra, que chão nodoso deserta os passos?
Ao ar, só pelo signo o sinal revela e desperta!
Tudo tão longe, como a linguagem dita poética
onde a ignorância se alça corrompendo o mundo.

No meio, entre o turbilhão inexistente e cálido
e a sintaxe redentora, nenhuma alegria, só a dor
de se viver como impossibilidade na respiração
que se deslinda dos biológicos estremecimentos
afeitos ao marasmo da inteligência redutora.
E quando significa, significa apenas um hábito.

Que mais há de mundo e de homem em mim?
Que espírito e que carne, que alma renovada?
A palavra veda, mas que fundo, que metafísica
onde se possa celebrar a inocência do fado?
Escrever é como criar no crime uma luz acesa
onde nenhum futuro saberá ler a monstruosidade!

13/11/85

INDEFINIÇÃO

Reduzido ao silêncio do limite, amor,
cicio-te como animal aflito, sem saber
onde buscar a chama do antigo ardor
que lambeu minha carne isenta de poder!

Babo-me de indefinição, gasto no furor
onde pus a juventude ao serviço do ser,
uma nódoa reclamando do sujo esplendor
o sopro capaz de edificar o novo viver!

Os anos passam, céleres e assombrados,
possessos de uma fome tão incompleta
que é uma seta ferindo os sacrificados.

Nem um só verbo como começo: repleta,
só a dor, o sentido nefasto de brados
sulcando a noite mais vil e deserta.

13/11/85

MAIS PRECISO

Por vezes surpreendo-me a murmurar:
Sê mais preciso! A realidade que me é
expande-se pelas palavras onde o ar
resolve a todo o custo tornar-se espírito.

Por vezes, depois de lido, não me compreendo.
Digo: De que falo? Quem me fala assim,
entre silêncios de palavras incestuosas?
Ignorância é o limite onde me embalo.

Sê mais preciso! Sonho acordado, repetindo
mentalmente tal injunção. Sê mais preciso!
Para quê? Que lucidez pervaga o mundo
que mereça de mim um estudo mais aturado?

Por que não me contentar com o sugerido
de um acaso? Algo em mim se escreve,
não o poema que desdramatiza o êxtase,
mas o que ficou por dizer na linguagem.

Com esse vislumbre caminho na senda cega,
entre a metáfora e a rudeza inaugural
de um corpo que pressente em si o sinal
de uma outra sedução, de uma outra terra.

Gostaria de poder trazer ao deslumbramento
uma pedra, um objecto, a forma despedida
de um desejo quando o prazer que alivia
se perde em pura perda e sevo desgaste.

Quisera ser tão preciso que o universo
intraduzível permaneceria pelo espanto
um esquema equilibrado da cruel harmonia
onde o homem pensa acabar seus dias amando!

14/11/85

HINO À TARDE

Tarde tangencial e majestosa, teus gestos
vislumbrados nas ramagens de árvores estranhas
perpetuam o encanto de viver nesta terra!

Há palavras para te dizer ou sussurrar,
mas só o silêncio ou o ruído natural do vento
te traduz como uma manifestação humana.

Passas por mim como se o tempo fosse possível,
ou como se o esquecimento fizesse parte
do mais íntimo mistério da identidade.

Nada dizes porque te indifere a velocidade
do pensamento, os homens, tu sabe-lo, armam-se
de razões para te perderem no anonimato.

Quantos te são sensíveis? Há sempre um poeta
que te aperte nos braços reconhecendo o vazio
do destino num mundo onde a energia mata.

Tarde sinuosa e límpida como uma montanha
recortada ao longe no limite do horizonte,
tua luz vibra de infinito estremecimento
até reproduzir em mim o afluxo de palavras.

Ei-las, as que nunca chegam por demasiado
pobres, felizes hinos alucinados reverberando
na sensibilidade como se eu fosse um espelho
capaz de deduzir o brilho do silêncio nato.

Que tempo é tempo humano? Que parte do dia
contempla as águas já mitológicas e podres
da civilização que se diz ocidente? Arde
dentro como fora um sujeito irreal e amorfo,
sei-o desde sempre, aprendi com o espanto
que me galvanizou quando a adolescência
soube transmitir ao corpo o verbo desesperado.

Tarde tão natural como ver-te e respirar-te,
descontados os atributos de um paganismo
que me faz sorrir por inocente e desnaturado!

Em ti penetro, sujo de tanto ardor, em ti
gemo e sibilo e repito a oração desrazoável,
ser-te iniludível e maiúsculo, um homem
finalmente liberto da contingência selvagem,
um homem sincero seduzido pela transitoriedade!

14/11/85

PERPLEXO E PERDULÁRIO

Perplexo e perdulário permaneço pelo olhar
como chama ardendo no lugar da descoberta.
Meus sentidos despertam, a hora depauperada
transcreve no silêncio da tarde um destino
que me destitui, me aniquila ou me deserta.

Quisera fugir e ganhar outras paragens!
Em toda a parte, contudo, é mundo, e o mundo
parece desconhecer a existência que me arde,
o sibilino equilíbrio entre a dor e o prazer
quando o corpo se desfaz da plena alma.

Se vejo, que realidade sou? Se olho, amor,
que espírito me inebria ao ponto de ignorar?
Sinto? Um corpo derretido na intransigência
do peso, uma faúlha reverberando eterna
pelo percalço de um alcance sem linguagem.

Esquecer, digo, mas o quê? A queda é um mito,
a metamorfose um avatar de tempos gastos
entre o limite do assassínio e o esplendor
de um sol que se governa em períodos álgidos,
imagem tenebrosa de um vazio desesperançado.

Nenhum pretérito, mas a angústia estúpida
de quem não cresceu para ser uma árvore
ou um homem. A lucidez deriva do cansaço,
a compreensão do universo é um esquema
traçado sobre o papel que nunca se cumpre!

Tantos anos sem finalidade, a vida passando,
a dor cerceando as raízes de uma memória
que busca no futuro a salvação da humanidade.
Tantos sonhos, e nenhum concretizado! Viver
é ficar sempre aquém do céu traumatizado!

14/11/85

PORQUÊ?

Pela negativa vou flutuando quando o desejo
mais íntimo é dizer sim a tudo que seja vida!
Que se passa dentro de mim que me rói e inebria?
Porquê tanto ódio quando é na natureza serena
que ponho olhos e dela recebo a luz do dia?
Que mal me aflige? Que castigo me definha?
Passam os dias como comparações escusadas,
a inventiva não é muita, e passa por mim
um silêncio que penso não merecer nem criar.
É na alegria que me descubro um homem inato,
é no riso diante de contemporâneos discursos
de amigos ou de simples conhecidos que amo
o mais singelo brilho que a vida pode acalentar.
Porquê então esta dor no corpo corruptível?
Este medo monstruoso e obcecado, um ferrete
terrível terebrando a carne e o espírito
no mais inominável da redenção insubstituível?
Que fiz de mim que não dei por isso nem por nada?
Tudo onde, estrénuo cataclismo, estremeço ávido,
se desfaz em pura ausência ou perda ou vazio.
Quem é mais forte do que eu e me arrasta?
Algum destino saído da impossível hoje Grécia?
Que fatalidade, e porquê, ó caos, diante de mim?
Disse ou escrevi alguma blasfémia irrecuperável?
Trouxe pela palavra antiquíssima uma maldição
que me anavalha ao ponto de sentir-me outro?
Apenas brinco com sentidos sentidos céleres
quando a sensibilidade se assemelha ao desejo!
Será por não levar muito a sério esta tarefa
que o verbo se vinga em mim da maneira mais
cavilosa, horrível e desnecessariamente tola?
Cicio-te, ó tu enigmático e feérico, um sim
tão humilde que deixo até de me sentir homem.
Quero curar-me do Mal, quero viver em pleno amor
quanto me resta de vida, do seu brilho trémulo!

15/11/85

NÃO SER VISITADO

Um sistemático desregramento dos sentidos
nada tem de poético! Pelo contrário, é sentir
que a destruição corrói o mais acmástico eco
do ser sem sequer atingir a fímbria do real!
Foi tempo o das ilusões adolescentes! A vida
brinca com as palavras como nenhum poeta,
por mais brilhante ou mesmo laureado. A vida
que exige de mim um esforço suplementar
para sentir ou compreender a distância oca
que vai da plenitude extática ao cruel nada!
Há-os que meticulosamente talentosos e ágeis
prefiguram o paraíso do embotamento sensual,
sem angústias a despropósito, num alinhamento
compassado de versos *versus* o clima do fogo!
Como os invejo, os que podem ser sem dor!
Pudesse eu ser medíocre e diáfano, um homem
percorrido pela harmonia, mesmo se monstruosa,
da indiferença da inteligência emancipada!
Soubesse eu escrever com carinho e precisão
o que importa para o momento que é hoje,
o estigma da moda como cúmulo da culminação!
Pobre de mim que ignoro metade do que escrevo,
e nem sou poeta nem louco, o que é imperdoável!
Mas as palavras, certos sentidos, certos mecanismos
abrem-se-me como fulgurantes necessidades
que desejam a voz, a língua, a nítida realidade!
Se fosse forte somente para dizer um não!
Mas deixo-me invadir de sinais incomensuráveis,
deixo-me arrastar para o precipício doloroso
da insignificância como um possesso arbitrário!
Nunca ninguém lerá este aquém da obsessão,
porque os próprios vocábulos perdem a história
para se tornarem simples sons sem memória!
Quisera ao menos que a dor de ser me abandonasse!
Quisera esquecer a tarefa para viver o animal!
Não ser visitado, eis o maior dos meus desejos!

15/11/85

A INOCÊNCIA DA CONSTRUÇÃO

No mais absurdo do dia, dizer o quer que seja
transfigura o real dando-lhe um halo estranho,
de corpo que se vive pelo sangue das entranhas,
de vazio onde outrora flutuou o sopro humano.

Há uma meditação silenciosa, nada ver reflecte
apenas um delido poema lido pela consciência
quando os sentidos despertam como explosões
onde a presença deixa um artiloso e sevo trago.

Visual, a sensibilidade ou os nervos segregam
uma sintaxe defeituosa, como se o mundo louco
de febre e de carnagem se impusesse hediondo
até no clímax de uma construção dita verbal!

Que diluída fidelidade no marasmo do eterno?
Que mecanismo linguístico realizando a hora?
Que suspeita no desejo amortecido pelo ódio?
Que vigor rodeando o prazer de uma dicotomia?

Apetece difluir pelo silêncio como água morna,
a bóia sem salvação de um porto sem abrigo,
negando a perpétua metamorfose do árduo fogo
que lambe sem erotismo a disposição cíclica.

Que dizer? Nomear é hoje uma brincadeira, eco
do milenar mito mistificado pela idiossincrasia
de povos singulares como a arbitrariedade nova
de um signo saído do desconforto da ignorância!

Passar, passar, é o ritmo da canção inexistente,
um olhar sem horizonte criando na palavra certa
o apetite pelo declive, pelo precipício cruel
onde a imagem desflora o espelho da miragem!

18/11/85

SEM SEGUNDOS SENTIDOS

Tão afastado de mim que em mim refluem imagens
de quanto passo e sofro e gozo, um terrível hino
mistificando a hora no seu apogeu de mimetismo!
A casa silencia a presença quase humana do amor,
sente-se que qualquer coisa deixa de o ser
para renascer na rima interior de qualquer poema!
E depois, um cansaço, o corpo pedindo um sofá
onde engravidar o desejo de paz no mutismo cego.
A dor, em qualquer parte, ou no estômago vígil
ou na cabeça diluída em vergões de sangue preso.
Eis a minha nodosa mão, lugar onde a mulher vê
quanto do destino é falso ou apenas um alarme
sibilando ruidoso pelo declínio da esperança.
Falar do sexo, para quê? Perdeu a necessidade,
como uma metafísica desossada e exangue dita
diante das estrelas que vigiam a indiferença.
Sim, sobretudo a sensação de afastamento, o halo
quase diáfano de uma angústia renovada hoje
como receptáculo tenebroso onde o homem morre.
As palavras dirigem-se ao vazio branco do papel
que é a parede em frente, nenhum horizonte
foi tão pontual depois de tantos anos de zelo!
E o pressentimento, tão sublimado, de que dizer
extravasa a loucura possível que nos envolve.
Repetir mil vezes a essencial natureza da coisa,
numa tarefa de limites onde não se vislumbra
um fim, nem sequer um segmento de sequências.
Para quê? Soturna ignorância, o corpo impele-nos
como força invisível para o estuário do apogeu,
aí onde a língua finalmente se descobre e diz
por que caminhos a ausência se fez uma presença!
Muito simplesmente, como se nada fosse, lido assim,
sem segundos sentidos nem interpretações escusadas!

18/11/85

TANTO ESPANTO!

Um sol coevo do meu deslumbramento invade
a necessidade de tudo isto ser um poema,
e eu obedeço, como por frustração, ao desígnio
quase nenhum que me absorve em contemplação!

Amo assim a ignorância dos dias, a secura
trágica da noite quando o cansaço é um homem
perdido na meditação dos verbos que proferiu
em páginas desconhecidas da cidade e do mundo!

Tão bom ser-se só e inumano pela humanidade
tanta que nos consome até ao íntimo desvelo
de uma falésia feita de sentimentos possíveis:
amor e ódio, o nevrálgico suceder das coisas!

Depois, os ramos prefiguram uma sombra amena,
e se o desejo é intelectual, não faz mal,
senti-lo dá prazer como se se possuísse
aquela que sendo mulher é mais e diferente!

Tanto amor, assim, estupidamente, num crepúsculo
onde paira a transcendência da nulidade,
o mundo reflectido em dourados estremecimentos,
como corpo de mulher vivendo um orgasmo!

Tão bom sentir que se está vivo e dorido!
Não é masoquismo, mas a necessidade ingente
de transformar o rio e suas águas tentadoras,
levando-o onde a fonte é fria e nasce celeste!

Tanto espanto espanta-se da belicosa verdade,
mas o pequeno vislumbre que é o poema age
no sentido da essência, como furo na membrana
que olvida o tempo da meticulosa fulgência!

18/11/85

OUTRO UNIVERSO

Pequenos prazeres elucidam a vida terrestre
com momentos onde o tempo reaparece isento,
perdido na conclusão dos sentidos represos.
Comer ou beber, e o corpo tão diligentemente
absorvido na contemplação de um mimetismo:
a vida organizando pelo animal a continuidade.
Depois, num repente, sentimo-nos, e a consciência
regressa como ave de rapina insinuando morte.
Depois, todo o universo depende de quem se é,
como uma monstruosidade intelectual e sensual
parindo a disparidade de contrários absolutos.
Volta-se ao mesmo, o quer que seja ou haja
sentido, mesmo se insignificante e agramatical.
Dói então a terrível ilusão de se ser centro
de um mundo que nos deserta de areias várias
como truísmos e milenários desmazelos da alma.
Porque dói, procura-se então o refrescante
vazio da distância, e sonha-se, acordado, um homem
capaz de se revelar como iniciação e origem.
Finge-se as palavras em versos traumatizados,
cicia-se no remoinho da incerteza e da dúvida
um outro universo onde a contenção do limite
desdobra-se em cataclismo e ruína e cinzas.
O vento da destruição percorre-te como mania,
um vício tão horrível como dizer não agora
ou em qualquer momento, com ou sem razão.
Age o tempo para um holocausto do sentimento,
nenhuma sensibilidade ou inteligência capaz
de trazer ao sossego a paz de uma definitiva
aurora ou terra ou mesmo excruciante demora.
Sobram, como escarros, os sulfurosos poemas,
que ninguém ama ou compreende, onde ninguém
vive da própria ou alheia vida, excepto o sol
de uma vida tão desconhecida como a suspeita!

19/11/85

A NUGACIDADE

Lembro como um homem quase feliz
certos dias em que fui marido e pai,
nas praias de Invernos amenos
quando a família sorria entre gritos
de paz confundidos com eternidade!

Lembro e uma certa retórica obsoleta,
da nostalgia que não sinto humana,
faz-me crisar por tudo ser a palavra
com que se inventa a realidade,
mesmo a vivida e já histórica!

Eram tardes de vento e maresia,
o carro envelhecido há muito em outras
mãos levava-nos pelas falésias ocres,
como um sonho depois de uma refeição,
o corpo reproduzindo a malícia!

Minha filha saltava no areal húmido,
minha mulher protegia-se da nortada
contra rochedos postos ali adrede,
como espasmos de terra pelo mar dentro,
ou cânticos absurdos diluindo o mundo!

Lembro comovido quem tenho sido: um homem
translúcido na gordura do nascimento,
afeito a minúcias de desinteligência,
como lendo poemas onde a sintaxe varia
com a emoção de quem não é poeta!

Lembro o imemorável, e o sangue vígil
que me percorre as veias contrai-se
como esperanças em melhores dias,
num abusivo deslize da consciência
perante a nugacidade de tudo o que se ama!

19/11/85

CONTINUAR, CONTINUAR

Sincero e sem maneiras evoluo pela linguagem
como acenos de desejo refluindo pelo corpo
quando do olhar o sexo sente o imprevisível.

Não sei que futuro, mas quanto ignoro é mundo,
ou uma pele de mulher revigorada pelo sol,
o silêncio sibilando cantilenas extemporâneas.

Para onde vou é um caminho diário e febril,
recordo em cada cabelo branco a memória
do que não sendo talvez pudesse ter sido.

Assim, reflecte-se em mim esta apatia celeste,
um conflito de gritos sulcando o domínio
onde outrora fora música o deslumbramento.

Cada passo um laço e em essência perde-se
o medo de amanhã nada significar, nem um eco
trasladado da confusão que escolhe o destino.

Continuar, continuar, diz-me quem não fala,
e se sussurro um uivo animalesco e boçal
é porque algo está errado no lugar certo.

Não é uma contradição quanto se almeja;
é um desgaste sentir que se sente o sonho
de outra vida noutro planeta do universo.

As raízes são eternas, confessam os poetas.
Talvez. Que sei eu? Que nesta hora é dor
o olhar dirigido ao exterior da humanidade.

Humilde, sem nenhuma razão, escrevo vida
como se fosse possível sê-la na mediocridade
onde a língua revela o velho dilema.

19/11/85

ABISMO

Não há abismo, mas um silêncio
que é ritmo do rito desgraçado,
viver sem saber onde recomeçar
aquele que se não é por presença!

Mas abismo, como visão material,
não há, já que à palavra se remete
um estranho odor vindo pressuroso
do lugar outrora da consciência!

Quem realmente sou é um homem,
umas vezes perdido na ausência,
outras vezes achado e incólume,
como uma absurda permanência!

Mas importa saber e senti-lo?
A vida não deixa pistas, o destino
arma-se de armadilhas e a memória
destrói o pouco que sobrevive!

Digo: Quisera... Não sei finalizar
a frase, como se ao desejo coubesse
finalmente a hora de se perder
entre um prazer e uma desordem!

Imbecil e maníaco deploro a hora,
que felicidade organiza o caos,
que cosmo se consolida na desmedida
com que se verbera o universo?

E quando finalmente já o abismo
pertence ao sol do dia e da história,
sente-se que a palavra ao dizer tudo
deixa de fora o mais importante!

19/11/85

O PESO DO MUNDO

Todo o peso do mundo sobre a cabeça,
a tensão altíssima, diz-me o estudante.
E os perigos que corro, noutra língua,
é claro, mas vai tudo dar ao mesmo!

Marquei encontro com o médico. Afinal,
ao contrário do que pensara, mudar
de continente em nada mudou a situação
precária em que me vejo há dois anos.

Pensei que outras paragens e gentes
bastariam para deixar de ser quem sou,
numa metamorfose onde a matéria presente
daria os conselhos à própria natureza.

Debalde viajei milhares de quilómetros.
Aqui estou, diante do Pacífico pacificante,
maravilhado com a luxuriante luz do começo,
temendo um fim que é sempre próximo!

Tal é a paranóia. De nada vale sentir
pela inteligência, o mecanismo do medo
age instintivamente, como mola ou recurso
de uma máquina que não obedece à razão.

Sofrer não suporta nenhuma significação.
Passar pelos dias é como sonhar a dor,
ou vivê-la infeliz em rodeios tremebundos
como vozes dissipando o orvalho da manhã.

Canino e visceral espero pela hora enigmática.
Um arroubo de consciência e um pesadelo
soçobram em mim como catedrais de ontem
subindo, asininas, num azul sem redenção.

20/11/85

NO SEM FIM DO NADA

Trucidado pelo enigma aufero pleno
de quanto ignoro e age em subterrâneos,
os mitificados medos, misteriosos pântanos
onde a respiração do homem dardeja cantos!

Canto tentacular e aéreo a necessidade
nenhuma de cantar, um grito obscuro
desferido ao clamor da indiferença
em praças outrora cobertas de sol novo!

Que substância irradia meus choros?
A morte mortifica, madefica com lágrimas
o pensamento absoluto de uma aurora
onde nenhum horror seria imperdoável!

E depois, no escrito sem frontão, a luz
de um aceno, a plena desrazão do começo
como imagem intratável da comédia se va
que grassa nos domínios perdidos do poema!

Para quê tanto desvario e tanta confusão?
Ninguém fala, arfa e fere um juízo errado,
a quem pertence, quando não me reconhece,
a palavra que digeri no momento inaugural?

Basta acabar, mas a coragem é diminuta.
O silêncio não atrai, antes determina
um desejo de harmonia no lugar mesmo
onde a possibilidade se limita ao zero!

Fulgor benevolente da consciência total!
Sentir, como um incidente, a nítida cegueira
do homem sem mundo nem espírito nem alma,
um destroço à deriva no sem fim do nada!

20/11/85

TERCEIRA PARTE

O PODER

A POESIA

Nenhuma ideia de universo me atrai,
nem tão-pouco o universo como entidade absoluta!
Começo e fim nada mais me dizem,
esgotados os conceitos ou a própria imaginação.
Nem me interessa, já agora, o minuto
que se vive como se fora do tempo de vida,
um lapso de terror rodeando o olhar
de quem muitas vezes nem sequer se sente!
Atrai-me como feérica obscenidade
a impressão que as coisas nos deixam na pele,
uma emoção diante de um crepúsculo,
o prazer inadiável de uma construção mental.
Agrada-me sentir que posso talvez
viver do homem o homem que nunca pude ser,
sem que pareça um jogo de palavras
a mais íntima interpretação deste sentimento!
Porque se sou, e tudo parece indicá-lo,
muito me falta, na raiz do ser, para completar
em harmonia o fito designado pela lei.
Não me perguntem qual, não saberia responder.
Mas há, ou deveria haver, um sinal
algures nesse mesmo universo que nos fala,
uma metafórica luz diluída em sangue,
da nossa sobrevivência, da nossa metamorfose!
Cada poema cicia um ponto desconhecido
aos sentidos empobrecidos pela civilização,
cada palavra demonstra pelo absurdo
que um outro mundo é possível na nossa memória.
Só não disse coração para não rimar.
Rema-se contra a maré e é uma estupidez.
Seguir as águas, a salvação, o sortilégio,
mesmo depois do salto diante do precipício!
Não ter medo, não ter medo, repito-me,
e a fragilidade é tanta como não saber acabar
aquilo que nunca se começou: a poesia,
esse poder maior onde arde qualquer identidade!

21/11/85

O PALEIO DE SEMPRE

Diz-me o instinto que devo servir-me de ti,
ó amor, como uma essência intransponível
onde o homem ganha a harmonia de uma morte só.
Não que queira morrer, nem me atraia seduzir
com emoções o destino reflectido da humanidade!
O importante é que tenha sido pelo verbo *servir*
que esta revelação me foi dada e dirigida.
Tão pejorativo tem sido vivido que me espanta
sentir em potência o deslize da consciência!
E mais importante é porque quem sou não sabe
como se servir do que quer que seja, pessoa
ou simples coisa. Infelizmente, é uma confissão,
posso demasiado respeito por tudo o que existe,
e se isso moralmente parece bom ou acertado,
do ponto de vista meramente ontológico traduz
um retumbante, indelével, excruciante fracasso!
Há uma garra que me fala e porém me falta,
uma maneira de estar na vida que me acena risos
de desdém ou me chama francamente cobarde.
Porque algo me mussita, em horas de meditação,
que para atingir o pleno deveria de ser mau!
É absurdo como pensamento ou mesmo argumento,
mas a carne diz-me segredos que o espírito
repudia como desumanos ou até monstruosos.
E é neste «Que fazer?» que tenho vivido tudo,
desde a decisão mais mesquinha e imperturbável,
até ao que poderia ser realmente uma viragem.
Passo pelo mundo sem conhecer os mecanismos,
o coração das coisas, o limite e o infindo
da palpitação causada pelos seres humanos.
É imperdoável, sobretudo porque a carne minha,
a todo o tempo, em todos os lugares, vocifera
quase a necessidade iniludível da maldade!

21/11/85

DEFRONTE

Eucaliptos defronte da minha janela trabalhosa,
um sol periclitante dando às folhas livrescas
um ouro terrível, fugidio como a própria vida!

Deixar assim o quadro! Mas há sempre alguém,
e neste caso um homem que se não se nomeia
é porque receia a trivialidade do raciocínio!

Dá prazer, quase inaudito, sentir como o vento
acaricia as ramagens reais de uma árvore sonhada
entre um dia que se acaba e a noite deslizante!

Nenhum pensamento iconoclasta enche minha cabeça,
só o olhar vagueia como um menino perdido
numa floresta de suspiros onde a memória arde!

Estou só, digo-me, e sinto que a vida é solitária.
Acompanhado dou risos de alegria, mas o monstro
subjaz impossível no íntimo do que não resguarda!

Nasci há tanto tempo, ó árvores que esvoaçais!
De que tempo me criei, eu que ignoro as leis
e chego sempre tarde ao local do encontro?

Que destino me impele para o martírio do nada?
Onde estive, que não compreendo o sofrimento,
seja do corpo como da exulceração da alma?

Nenhum passado! Sempre este aqui, este agora,
diante e de fora, a realidade dos compêndios
onde se estuda o mistério da existência humana!

Que mistério? Que sortilégio? Que angústia?
Assim perdido na contemplação do nada viajo
pela vida, um sonho desperto e ausente em tudo!

21/11/85

NENHUM SÍMBOLO

Estafado de tanta solidão, e com o medo nos nervos,
saí de casa e vim para o local de trabalho: a universidade!
Só aqui há máquinas de escrever, e foi por isso,
nada mais, que decidi meter-me no carro há pouco comprado.
Um dia chato, é sábado e um espesso céu cinzento
abate-se sobre a cidade como chumbo já arrefecido.
Sobre mim cai a dor, na ocorrência, de cabeça,
que lateja ao som nenhum de nenhuma música conhecida!
Viver assim, dia após dia, é, escusado será dizer,
um inferno de horror, de dúvidas e de sincero medo.
De morrer como um cão perdido e vadio na próxima hora,
o coração estourando ou os miolos apodrecendo!
Estava em casa hoje de manhã, no quarto de banho,
sob o chuveiro, quando pensei seriamente em mim,
no que me tornei nestes dois últimos anos de vida.
Um animal medroso, sujeito a doenças impossíveis
como sofrer sem plausível razão ou diagnóstico válido!
Devo-o à sociedade onde nasci, às leis imbecis do país
onde abri infelizmente os olhos e depois berrei.
Devo-o, sem dúvida, a dois anos de martírio, o estágio,
a alguns colegas que tiveram a oportunidade viril
de mostrarem os monstros que existem dentro do homem.
Os campos de concentração, em essência, em absoluto,
não estiveram longe, nem os métodos ditos policiais!
Eis-me pois aqui sem poder gozar quanto me resta ainda
de vida, incapaz de paz e da prerrogativa que engendra
sonho no lugar do ódio, da mesquinhez ou da pobreza.
Mas mais odioso ainda, para mim, é eu não saber reagir,
fazer frente ao mal que me instilaram cobardemente.
O espectro do farrapo humano obceca-me, e a loucura
como realidade só, sem conotações românticas ou poéticas,
dilui-me ao ponto de tremer quando me vejo no espelho.
Fui um homem, destruíram-me e não sei como refazer
uma qualquer identidade capaz de me suportar humano!
Tanta alegria para ser sentida e cantada, tanto amor
ainda por viver, e nada, só esta dor e este medo!
Olho pela janela a noite que se aproxima. Nenhum símbolo,
espero, mas apenas a realidade das coisas consabidas!

23/11/85

TRADUZÍVEL

Qualquer actividade intelectual,
como escrever ou ler ou mesmo pensar,
traz-me dolorosamente esta cabeça
em fogo, o sangue divergindo patético!

Os médicos sucedem-se e nem sequer
me dizem, frontalmente: sofra! Sofra!
Lembro-me do amigo conhecido em Paris
que se suicidou e começo a chorar.

De verdade. Não há nada de poético
no que agora escrevo, apenas digo
o que sinto, severamente meditando
na estupidez disto tudo, bem pensado!

Quis tanto ser feliz! Possuir em mim
uma honestidade humana capaz, só por si,
de me dar a harmonia de uma aurora,
ou mesmo a tristeza de um crepúsculo!

Viver intensamente foi um sonho jovem,
depois bastaria só viver, mas em sintonia
com o universo nas suas leis incógnitas
que governam os mundos da fantasia!

Nada mais faço senão sofrer, e chateia,
confesso, tanta dor acumulada, a memória
um monstro de atrocidades ontológicas,
o corpo arfando de meticuloso medo!

As lágrimas impedem-me de continuar!
Que circo! Que patetice! Fazer da vida,
mesmo da que se sofre, um poema válido,
traduzível em emoções e sentimentos!

23/11/85

O EXÍLIO

Sábado à tarde num país estrangeiro,
numa cidade desconhecida, seria o pensamento
primeiro a vir à cabeça quase derretida.
Mas eu sei melhor, e sei que isso é falso!

Porque nenhuma estranheza sinto da distância
que me separa do berço, e toda a terra é viável
como uma bola pequena deslizando serena
na rima deploravelmente fácil de carisma!

Só as línguas mudam, e que muda com isso?
O universo é o mesmo, o mesmo o coração
que bombeia milhares de litros de um sangue
que nem sequer sei se é realmente meu!

Fosse eu a terra e o redondo do desejo,
o alcance filosófico de que ninguém
ouviu falar, a ausência entrevista cega
em poemas de outrora e de outro lugar!

Fosse eu a árvore e o mar, o lume aceso
de uma floresta perdida em Verão devastador,
fosse eu a destruição como o amor, impávido
mecanismo onde o homem seria possível!

Só sou isto que escreve isto neste hiato
entre o desespero e a esperança, um olhar
enfitando no cosmos o papel tão branco
que sabe a deserto o caminho das palavras!

Nunca fui estrangeiro em parte alguma!
Conheço o exílio desde sempre, fatalidade
terrível de quem só sente a desmedida
como sopro espiritual e redundante!

23/11/85

ARBITRARIEDADE

Afora sofrer sempre sinto-me bem, este local
é-me simpático e qualquer coisa na luz do escritório
me faz escrever até à insuportável exaustão.
A noite instala-se soberana e antiquíssima, plagio,
se soubesse o que era ou foi uma ode escrevê-la-ia,
agora, neste preciso momento de bonomia afável.
Passos ecoam no corredor desguarnecido, colegas
aproveitando o fim de semana para porem coisas em dia.
Estranhos versos estes, aos quais não estou afeito!
Porem as coisas em dia!... Que significa tal asserção?
Como é possível viver-se em línguas que nos afastam
de qualquer realidade, seja ela qual for? Ambiguidade
é o preço que se paga quando não se compreende
o mecanismo atávico do desejo feito língua popular!
Medito superficialmente na arbitrariedade de tudo isto,
e o sentimento colhe da frustração um sinal quente,
como se ao vazio do pensamento se pudesse dar um nome,
seja ele de amor, de realização ou de sonho desperto!
Apetece-me! Mas que estupidez! Para onde me leva
quem não existe e sopra, por intermédio da cefaleia,
palavras metamorfoseadas em acções, em inventivas?
Não vou por aí, tenho que repeti-lo, assim, brandamente,
seguro do plágio e da certeza que me força a dizer
a medida do momento filtrada pela memória isenta.
Posso estar muito doente, mas sou quem sou! Ninguém
mais me dita o que devo fazer ou ser, existir assim,
hoje, é como desobedecer à lei, ao caos, ao mistério!
Quero, ouve-me bem, ser feliz e homem em pleno!
Quero, exijo, a alegria de dias melhores, a emoção
de um amor onde amáveis mãos de mulher deslizem
como água límpida num tempo de imortalidade essencial!
Quero viver, disse-o e digo-o até à saciedade, viver
a hora e o seu mimetismo, a glória sensual do êxtase,
a morte apetecível quando os sentidos sentem nada!

23/11/85

O PREÇO DA PELE

Dia chuvoso, e se o destino é assim, dizer
do dia a perpétua eternidade da emoção,
então é preferível renunciar à poesia!

Quem sou é só e sem plausível solução,
um corpo tão presente que desconhece
onde paira o espírito ou a cruel alma.

Empobrecido e doente, ridículo e lento,
escrevo o que não sinto como essência,
um vazio de ignorância em pleno eco.

Amor é agora o sentimento simplista,
ciciá-lo ardentemente como trivial som
surgindo doloroso na sintaxe enlouquecida!

Porque, e é terrível de monotonia acesa,
a repetição faz do medo a medida árdua
onde se mede da vida a distância súbita.

Que importância? Nenhuma. Versos escritos
são como escarros malditos de um tempo
que se ignora ou desconhece o suplício.

Em tudo isto, que fica ou resta ou limita?
Um passo dado, um arquejo, o sobejo ardor
onde nenhum homem soube viver o seu destino!

Esta deplorável amargura, a angustiante
degenerescência do génio quando a dor
elimina no cérebro o alcance do verbo!

Cego de maldição, incapaz de transfiguração,
sigo e sofro a metamorfose como insecto
que sabe o preço da pele deixada no chão!

25/11/85

DE VERTIGEM EM VERTIGEM

De vertigem em vertigem vou temendo a morte
como colapso relapso derivando em silêncio.
Não há tempo nem disposição para a alegria,
e quanto sinto esvai-se como cataclismo!

Uma bebedeira de nada ciciza-me contrastes
onde parte do corpo deriva e segue a imagem
de uma cratera explodindo no segredo ficto
de uma margem tão selvagem como o escrito!

Angústia é o que me dilui, quem me fala abre
em mim a fenda insubstituível, oh, sofrer!
que estupidez! que desânimo! que abreviatura
do horror que, espero, nunca será vivido!

Pensar noutra coisa, digo por me dizer!
Na natureza, na mulher como essência pura
de algo que em mim é homem e se perde nulo
como água desaguando no mar da insolvência!

Evitar as metáforas, até mesmo a metonímia!
Resta só o silêncio, e eu preciso de povoar
o espaço com cânticos de alegria e de amor,
preciso de sentir o tempo como uma epifania!

Nada nem dentro nem fora afora esta dor,
este mal-estar, este medo impossível de ser
quem fui no âmago de uma pessoal história
onde a memória ilusória rima com o absurdo!

Tanto espanto, ó miséria da condição humana!
Tanta pobreza no ontológico desejo! O prazer
escasso, carecendo de glória ou de graça,
tanta desgraça onde o destino se evapora!

25/11/85

O CONTRÁRIO

Severo e sensual o discurso faz-se curso
dos dias, o tempo flui, repassa pela memória
como um surto de espasmos gritando o medo
da morte, o sacrifício da jovem terapia.

Tudo o que segue é plena obsessão, viver
cada lapso como voz diferida delirando
apocalipses e vertigens num suor tão frio
que a própria temperatura perde o sentido!

Quanto mais tempo, quanto mais tempo? O eco
repercute-se no hemisfério do pavor, a voz
reflui e ressoa como paradigma do espanto
que é morrer em cada minuto da seva vida!

Estou farto! A cabeça arde, o calor sobe
como água quente em veias apodrecidas,
que droga me alivia desta presença enorme,
que apagamento inaugura o augúrio terrível?

Tanto castigo para quê? Que crime cometi?
Onde fui mais do que eu para enraivecer
os deuses, ou o acaso, ou os homens, ou o corpo?
Sim, pensei ser visitado, mas nunca o revelei!

Escrevi apenas o possível que a história
literária permite, sou do meu tempo, quanto
penso ou digo ou sinto só pode ser assim,
como uma fatalidade que jamais se procura!

Porquê tanta dor? E sentir, como eu sinto,
que estou protegido do desenlace voluntário,
ainda me faz sofrer mais de raiva e de ódio.
Quis o amor, recebo apenas o seu contrário!

25/11/85

PELA VEZ PRIMEIRA

Uma nesga de puríssimo azul pervaga dolorosa
pelo encoberto céu de um Outono inominável.
Sente-se o sol escondido e louco no vermelho
esfarrapado laivando certas nuvens amargas.
A vida nada tem que ver com o olhar sincero
de quem pretende esquecer quanto nos amortalha!

E as árvores altíssimas, e as ramagens divagando,
as folhas encharcadas de rituais de luz celeste,
tanta paisagem só me mostra que a monstruosidade
é parte integrante de quem me fiz pouco a pouco!
Nenhuma metafísica em oposição com o destino,
se destino há pulveriza-se como poeira mítica!

Apetece começar a sentir tudo pela vez primeira!
Olhar um sinal depois da noite e dizê-lo sonoro
como canto da terra vivido pelo homem que cresce
no eco da natureza, nos ruídos temáticos da obra
que se acha quando se perde a identidade fulva
de um obscuro estremecimento feito cataclismo!

Quem nos falha, ó eternidade da pergunta acesa?
Quem se imiscui no delírio das horas estagnadas?
Que ser ou coisa ou objecto pertence à vida
quando a civilização não mais possui espelho?
Inventar é a palavra de desordem, mas o fogo
acende o dia como se a escuridão fosse certa!

Que poética? Que aporismo ou defeito artístico?
Sincrética, a voz colide com o muro da despedida,
ninguém se sabe quem se é, a própria língua ama
o paradoxo da perdição, a contradição do apogeu
quando se atinge as fímbrias da ominosa epopeia
onde a destruição reina como mártir e perífrase!

25/11/85

TUDO QUANTO DESEJO

Tempo ainda suficiente para escrever
este arremedo de poema! Engraçado, até no gozo
encontro sempre o medo! Que se passa comigo?!
A vida vai e vem, os sentidos tão doentes
que a mente espera a queda a qualquer momento.
A tarde é jovem, mas o cinzento arrasta-se
dolorosamente como uma navalha cortando a carne.
Escreve-se sempre da eternidade que não se alcança,
nem à qual se pertence! Mesmo quando se diz:
presente! A escrita engata a interpretação
do real, dizer não significa senão o hábito,
ou o vívido vício de quem teme o momento seguinte.
Aos vinte anos tive o mesmo problema:
pensei morrer de uma juventude incompleta!
Hoje o corpo está velho e o espírito lento
como um movimento de serpente sobre folhas suaves.
A cidade pode ser comparada com uma floresta,
mas para quê? Ninguém me conhece e tudo está bem!
Preencher o tempo, eis a tarefa! Vivê-lo ardência
ou mesmo ignorância, um sismo terebrando a agonia
do que não se reconhece como simplesmente humano!
Palavras, palavras!... Hiatos de demência ficta.
A outra, a que espreita, dói como um fogo,
uma chama luxuriante de excruciante fulgor!
Estar perto do chão, mas vivo, é o pensamento!
Sentir e ver as coisas ao nível do mar macio
que engravida o olhar de perfume e de nostalgia!
Dizer: ó mar inaugural, quanto do teu ventre
esconde o começo de uma aurora e de um terror!
Os pares sucedem-se às trilogias, assim, a estética
da imperfeição muda com o tempo, com a gravidade
do sentimento perante a gravosa e dura situação!
Viver, viver, é tudo quanto desejo! Não será demais?
Pedir tanto não acarretará a maldição ignóbil?
Ao menos, sobreviver, um homem desfeito pelo eco
de um esplendor que se resume à doença perene!

26/11/85

SONETO

O sábio sentido deserta meu coração.
Sinto-me como um dentro quando é fora
que a realidade fulge de escuridão!
Não há silêncio que não saiba a hora!

Pressuroso e aflito analiso a acção
de passos perdidos no acme da aurora,
sou eu quem redefine a cruel sensação
de um barco à deriva feito de demora?

Infatigável redescubro o nada isento.
A vida ri-se de quanto sofro, a morte
acena como suporte do trivial alento.

Tenho que ser fraco para ser forte,
digo-me entre dentes. O meu intento
resume-se a anular a severa sorte!

26/11/85

PURO DESPEITO

O pânico assemelha-se a um remoinho da percepção,
a vertigem que se mantém de pé como um soldado
incapaz de cobardia ou de extemporânea defecção!
Assim vivo cada dia que sempre passa, um voo
onde a carne quer reter do espírito o aviso
onde nenhum destino destila a substância!
Dor é o lugar comum, sem verdadeiramente ser
um truísmo ou uma imbecilidade conciliatória!
Entre quem sou e quem serei o tempo se arvora,
e arde como um flagelo o súbito arrependimento!
Nada mais conta; canta contudo um sinal eterno,
a chama dolente onde o carinho nunca sentido
se ressentido da doença que deixa ao olhar a cinza!
Viver assim vulgariza o essencial estremeamento
de uma possibilidade metafísica, viver com medo
desfaz e transfigura o sentido tido como liberdade!
Mas o pânico surge, emerge, irrompe, quebra o gelo
onde os dias corrompem o tempo, e as estações
deixam de ser humanas para só pertencerem, cativas,
à ardilosa e messiânica natureza! De todas as coisas,
quem se é, e se se é homem, destrói o limite imposto
às palavras odiosas do começo como do apocalipse.
Eleitas, as estruturas do sonho seduzem ainda mais,
mas a realidade é isto, sentir dor, um terebrante
castigo infligindo a ruína como a desolação.
Navega o corpo pelas águas profundas do horror,
assiste ao declínio como um filho que vê no pai
a mudança terrível da carne e o destino do homem!
Quanto tempo ainda neste inferno sem subida
nem descida, à superfície do espelho e das coisas,
rasando a nomenclatura do desejo como do prazer?
Todo o tempo, suspeito. E infeliz e quase anímico,
espraio-me pelo sofrimento como incêndio quente
destruindo a floresta ao crepitar de almas queridas!
Pesadelo vivido desperto, e peso sobre o peito
onde nenhum coração quer ser meu por puro despeito!

26/11/85

A FRAGILIDADE

Admito a fragilidade quase orgânica
da voz. O sopro sopra faúlhas virgens,
o papel obedece ao cataclismo anímico
como genialidade irónica do olhar sujo.

Possesso e sem limitações do verbo, eu
surjo como labareda terrível da morte,
um pensamento cujo corpo se assemelha
ao medo de viver debaixo desta pressão.

Quando cair, que chão me acenderá lume?
Que decomposição no cérebro para sentir
célere a viagem sem argonautas? A palavra
estremece só de compreender a solução!

Escapa-se-me o sentido, ó musas etéreas,
se vos invoco é como vociferação frugal
de quem se explora na explosão terrível
de um pavor que enche de suor o corpo!

Viver, viver! E depois? Ninguém me ouve,
a carne não me obedece, a cabeça repesa
pesa como se o mundo fosse um enigma
traduzido em línguas do delírio vermelho!

Em frente a parede não mais filosófica,
mas o branco do vazio de um destino,
a significação nula e estulta do ódio
quando o silêncio insinua a frialdade.

Que morte me abrirá? Nenhuma, receio bem!
Perdido como um rebém, cicio-me cânticos
onde deploro a arrogância da fatalidade,
o dedo vingativo do que não sendo ordena!

26/11/85

NERVOS

Um frio compreensível diz-me que Outono
é em qualquer parte, até aqui, na costa oeste
de tantos sonhos vividos como jangada!

Debaixo da medicação expludo dores
onde a vertigem e a queda sussurram medos
capazes de paralisarem o raciocínio humano!

Mais um dia no inferno que apavora o olhar.
O corpo como prisão, o que se passa nele
uma incógnita que nenhum médico ousa saber!

Dizem-me, como consolação, nervos, nada
de orgânico, e se não fosse o medo, o riso
penetraria meus lábios cansados de ciência!

Nervos! E depois? Cada passo que dou dói
como uma som de grilhetas levando o condenado
ao cúmulo de si mesmo, a corda já pendurada!

Estranho fruto, dizia o blues, e agora cabe-me
a mim padecer o antegosto de uma morte
tão tentacular como uma explosão de sentidos!

E a pergunta: quanto tempo ainda? Viver
doente custa, não estava habituado, pensava
até que sair do país ajudaria minha cura!

Nenhum sol nem nenhuma natureza me ajuda!
Se o mal está em mim, serei eu o mal?
Que história fermenta dentro de mim? A clivagem?

Em que anais da medicina percorro o grito?
De médico em médico desacredito a modernidade,
um monstro diluindo em pó as descobertas!

27/11/85

SINCERO

Sincero e obsoleto enfrento o absoluto
como criança que desconhece as leis
ou nem sequer sabe brincar.
Surge-me, em frente, como uma nódoa,
a falta, sem saber o que fazer do sinal
que irrompe nos sentidos como fogo.
A vida mata, mas a vida que se deseja
é feita de sonhos, de impossibilidades
organizadas no conluio da impotência.
Sincero e inseguro mostro-me à realidade
como um homem incógnito desejando sempre
o que, por natureza, não se alcança.
Que palavra me liberta? Que horror
me espera quando me insurjo, animal,
contra a doença que se apodera de mim
como se eu pertencesse à humanidade?
Sincero e integral assumo a desordem
da carne, o declínio do espírito aceso
onde outrora a poesia nascia como brilho
de uma ambivalência quase desnecessária.
Olho e vejo que dança a totalidade sensual
de tudo o que me rodeia, onde se encontram
o tumulto e a raiva que definem o mal?
Sincero e minúsculo revigoro o ritmo
do diapasão, a música precisa de saber
até que ponto o arquejo de um suspiro
modifica o universo nos seus percalços.
Sou um homem ou fui um homem? Sê-lo
abrsa-me como uma ironia decadente,
a abstracção rói os dispositivos do ódio
nas palavras que ascendem à compreensão.
De quê? De que a morte acontece a todos,
até a quem se pensou invulnerável zelo
de uma origem compungida pelo efémero.
Sincero e ridículo dissolvo-me no nada.

27/11/85

INSUPERÁVEL E INSOFRÍVEL

Intraduzível o orgasmo espalha-se pelo cérebro
como dor súbita refluindo à origem do mal.
Possuí-lo assim, sem o querer, só por castigo,
ou diáfana ironia tresloucada pelo argumento
de asserções que nos escapam irremediavelmente!

Já não importa se o poema sobrevive pela obra.
Depois de desaparecido, só interessa desmerecer
a ousadia de um verbo que nos iludiu no cerne,
ciciando verdades erodentes como cataclismos
onde a alma se salvaria do declínio e da morte!

Dizer apaga-se gradualmente, e se escrever resiste,
é porque o hábito permanece no corpo disforme.
Mecanismos sem razão transportam as palavras
para papéis difusos onde a transcendência verbal
explode como respiração de um universo imoto!

Resta, insuperável e insofrível, a dor, a cadela,
na cabeça terrestre, como agulha perfurando o eco
que outrora engravidou a tela de descobertas
onde o impossível parecia finalmente possível,
onde o inefável parecia encontrar uma casa!

Mas pela palavra se perde a essência empobrecida!
Sentir dilui-se como derretido mel da colmeia
onde a loucura obedece às ordens nenhuma da alma,
figuras e imagens e metáforas e metonímias
fazem só parte de uma retórica enferrujada!

Quis viver! Quis ardentemente viver, e agora arde
quem nunca fui e me é, um esgar, uma carícia tola
desdobrando a náusea e o compromisso, oco deslize
de uma peripécia feita epopeia da exequível hora
onde me perco, me afasto de quem solitário sou!

27/11/85

ETERNIDADE

Nem o tempo nem a natureza têm que ver
com o mais íntimo desta escrita rumorosa.
Homem insentido e sensível aos dias ligeiros
que cavalgam pela sensibilidade perdida
e achada, cabe-me só sugerir que mais um livro
se perde na desilusão de haver história,
mesmo quando se diz que é literária!

Os grandes problemas desertaram. Viver
nada significa apenas o nada que não se sabe
viver, e é de tautologia em tautologia
que a repetição desumaniza aquele que a molda.
Não é um fim de civilização, é contudo, de tudo,
a avassaladora emoção de se estar vivo e quente
como um pénis sem vagina, ou um olhar sem horizonte!

Perpassa-me uma alegria inaugural como o vagido
sentido numa apoteose de outrora, quando o tempo
se vivia como um simulacro de uma história
onde os agentes eram o corpo, a carne, a alma.
Leio o silêncio magnífico de outro mundo,
se medo tenho refiro-o como aspereza do verbo,
ou catástrofe diluindo e deslizando pelo sossego
de uma palavra que há muito não aflora os lábios:
consciência, em ti me perco porque navego sem barco!

E a beleza de tudo isto, palpável e tentacular,
um sol-pôr terrível onde o ouro da terra
inunda o azul do céu em espasmos governáveis,
como se fosse viável a utopia, os contrários,
a própria essencialidade do que não perdura.
Cinjo-me à contingência, mas a luz da manhã
brilha como folha destituída de conteúdo
ou de permanência: eternidade é quanto me haja!

2/12/85

DESPEDIDA

Vulnerável ao sigilo do espúrio exílio,
traço em palavras de todos a totalidade
de um desejo incapaz de visão ou de profecia:
cada sílaba sibila línguas que me desconhecem!

Procuo reencontrar-me no defeito ou na falha.
Mas da escrita de mim resta só a ressonância,
um preconceito de percalço, a litania sussurrante
de um medo que se arvora como tumulto no âmago!

Visitei a dor. Conheço o horror. Tento esquecer
quem ser me quer como homem desprovido de língua,
mas mesmo a pouca memória transluz ao som dolente
de uma realidade inexistente que celebra o caos!

Vai-te, disparo docemente pela poesia doméstica!
Mas ela sempre vem, chega e entra em mim feérica
como se fosse possível uma verdade de homem,
ou um mundo de corpos cerzidos em plena ideia!

Meu prazer despossei quanto corpo subsiste!
Resta a ânsia, a náusea de um dia a dia
onde a felicidade como conceito se desfaz
para assumir a novidade de uma grandeza vazia!

Políticas ontológicas arquitectadas, diálogos
sem imanência, e o delírio febril da ciência
que combate e derrota a consciência terrível
de uma estadia que se assemelha a uma despedida!

Despeço-me, ó leitor de mim, que me anavalhas!
Quanto sou escrevo e esqueço e perco e sou,
as palavras sempre aquém, alguém sempre além,
chamando-me como se fosse um horizonte amável!

2/12/85

LIVRO II

NA PELE CERTOS SINAIS

Idade madura em olhos, receitas e pés, ela me invade
com sua maré de ciências afinal superadas.
Posso desprezar ou querer os institutos, as lendas,
descobri na pele certos sinais que aos vinte anos não via.

Carlos Drummond de Andrade

I wrote all these autobiographical books not because
I think myself such an important person but – this
will make you laugh – because I thought when I began
that I was telling the story of the most tragic suffering
any man had endured.

Henry Miller

And I'm just as much in the dark as the reader,
in the sense that I undertook this thing in good faith,
I didn't know what the results would be,
and I still don't know.

Lawrence Durrell

PRIMEIRA PARTE

ENTRE O POEMA E A PROCURA

A própria poesia mudará de nome para nunca mais
ser a mesma: chamar-se-á procura, uma palavra minúscula
na terra dessacralizada pelo amor da ironia!

Silva Carvalho

MAIS UMA TENTATIVA

Uma liberdade total e magnífica
que me abraze as portas da felicidade,
não como sonho detestável de criança eterna,
mas como cumprimento de um destino inestimável!

Oh, ser livre de todas as contradições,
parecer quem sou e ser quem se parece
com aquele que por vezes deixa em mim
réstias de uma personalidade insubstituível!

Ouçoo celestes canções de poetas autênticos,
minha alma é finalmente minha, e apetece-me
contar histórias onde a necessidade de enigma
entra como diapasão de uma música terrestre!

Fica-me o espanto sacralizado pelo temor!
A terra não arde, cicla estações possíveis
como se os calendários permitissem um selo
outro que o trazido pela civilização inicial!

Sou alegre e ágil e disponível e terrível!
Mortal como uma erva daninha, danificado fogo
onde o lugar inexistente e só persiste a voz
perdurando delícias de vida por viver!

Acho em cada minuto um sentido imaculado.
Sem imaginação nem memória faço da história
o que me é e sou, uma dualidade tremenda
não temendo o horizonte da especulação!

Anónimo e sincero, sigo o sigilo do ardor,
um prazer enorme onde pelo sexo o orgasmo
se eleva ao espírito de todas as coisas,
até das mais efémeras e deploráveis demoras!

9/12/85

UMA MANHÃ COMO AS OUTRAS

Uma tristeza terrível apodera-se de mim,
bate-me o sol em plena face e é manhã.

Dylan canta uma velha canção, este é o quarto
do apartamento onde vivo em Goleta,
Santa Barbara ao fundo, como um mar pacífico
desenvolvendo o encanto de uma harmonia
que mais ninguém pode sentir.

Tão triste que nem pareço eu!
Indiferente ao sol, ao temperamento dito
ciclotímico, eis-me, nesta infindável tristura
de mim mesmo, desfeito em pensamentos icásticos
como súbito fosse necessário morrer!

Uma tristeza inaudita, contra natura, o sol
celular seduzindo meu corpo de um calor
que me inebria ao ponto de julgar impossível
o que estou sentindo: esta tristeza inútil,
o espírito amarfanhado pelo cataclismo,
uns diriam, psíquico, outros, metafísico!

Ouçõ a canção como outrora a ouvi em Mem Martins,
como tudo é diferente, até mesmo a indiferença!

Dez da manhã. Estou completamente vestido,
uso Levi's de uma ponta à outra, e não sou
por isso mais americano ou menos homem!

Estou é debaixo de uma tristeza incrível,
sabendo porquê, mas não o dizendo por pudor!

E pouco a pouco, talvez, em contacto com a música,
o sol diluindo-se em mim, sinto que a pressão
se alivia, meu coração desabafa alguns suspiros
que se escondiam suspensos nesta ansiedade,
nesta insuportável tristeza tão fora de moda!

Sou humano e por vezes sinto a monstruosidade
como um fogo de nadas dispersando em escuridão
uma tristeza infável como dizê-la em poema!

Não é estranho tanto sentimento desarticulado?

13/12/85

AUTO-ESTRADA 101

Às vezes dá-me uma fúria, meto-me no carro
e entro na 101 com uma vontade antiquíssima
de sentir em mim ou o índio ou o pioneiro!
O oceano de um lado, as montanhas do outro,
a auto-estrada deslizando como serpente
onde nenhum símbolo é mais necessário ou útil!
Ligo o rádio, bato o compasso no volante aceso,
tanto vento e tanta cegueira e tanto controlo
que o cavalo surge como apogeu mirífico
de uma imaginação que bordeja a loucura!
Lá vou eu, não é isto a América dos sonhos,
a Califórnia do outro ouro, a vida sublime?
Galgo quilómetros a mais das 55 milhas legais,
todos somos foras da lei, todos vogamos letais
como sentimentos que surgem do âmago subtil,
uma alegria intensa, passar, correr, deslizar
pelo espaço e pelo tempo como um sagrado poema
onde a blasfémia seria parte fundamental!
E depois, ctónico e orgânico, o medo, a adrenalina,
o sentido de uma solidão tão visceral
que nenhuma literatura ainda explicou o acto
mais simples da vida, ser entre forças obscuras
um homem nu e desfeito em entidades estéticas!
Um medo tão medonho e infantil que só a música
consegue vencer o grito do isolamento, o carro
bate em voo raso o asfalto da estrada real,
o espírito vira matéria, um abstracto deslize
da consciência para o inexistente como essência!
E a fúria apaga-se, e a alegria estremece, resta
só a paz, uma paz monstruosa como saber que se vive
pelo desejo fundo da morte que nos ilumina
em momentos de horror e de sublime encantamento!
Regresso, abandono a auto-estrada, o carro fumegante,
o corpo deslassado, uma miragem terrível da hora
em que as palavras sucumbem como fumos ternos
de uma fogueira que nos aqueceu pela eternidade!

13/12/85

DERRAMAMENTO

Este prazer tão grande de te escrever,
ó eternidade do que será futuro e longe,
esta telúrica alegria nascendo de mim
como delírio sem lugar no mundo de hoje!

E nada tenho para dizer, mas dizer é tão
bom, falar-te da minha estadia na terra
como uma ominosa solidão vivida por mil
sentidos sitiados no corpo da geração!

Dizer-te, ciciar-te bem baixinho: amo-te,
sem seres mulher ou homem ou mera família,
apenas um vago sonho que me tem solidário
com a confusão do universo na sua humildade!

Ouve-me e sê-me, ó utopia, cicia-me a canção
do ser, o perímetro ontológico da respiração,
como se o orgasmo cósmico fosse possível,
como se vir até mim fosse inocente e puro!

Completamente de fora, mas não tão longe
como o infinito, apenas e cada vez mais
perto de quem não tenho sido por amada
nostalgia de um reino que me identifica!

A vida passa, ah, esta música, este silêncio,
como vivê-los, como sucumbir ao apogeu longo
de um êxtase que me dilacera em olhares
que vão do pénis ao infindo canto do cosmo?!

Que bom, quando passa e traça e pela graça
me sinto um homem possível vivendo a hora
da única loucura que interessa e engrandece,
a do nada flutuando no ritmo de uma canção!

13/12/85

ANTES O DELÍRIO

Siderado pela paz que me governa os nervos
subo ao sítio do nada e aí edifico, felino olhar,
um sol capaz de dar ao mundo o brilho intenso!

Quem aceita todo este amor, esta ternura tenra
como mão de pai passando pelo cabelo da filha
uma terra de esplendor e de domínio luminoso?

Assim estou e assim vou, eu, que nunca fui homem
ou pertenci ao género humano, um desleixo cruel
como se nascer e morrer fosse a linguagem seva!

Do mistério que me penetra em poemas falhos
como este, e no entanto, longe da sintaxe inicial,
longe da semântica, o delírio é pura voz amando!

Como fluir e refluir sem ser ressaca ou mar,
mas esta coisa, tão simples e sublime, alguém
que existe no tempo como uma concha magnânima!

Olha-me nos olhos e ama-me, ó tu que me lês,
sente o calor do meu corpo, deduz daí a lição
de uma sedução capaz de te transformar breve!

A vida arfa, eu largo horizontes de desvelo,
um terrível carinho, um apelo sensual, a demora
do espírito que encontra a salvação no corpo!

Somos todos partículas de um algo emblemático,
o mito, o martírio analítico de um instinto
cavado no sibilino brilho da aurora estática!

Sente como eu quem me sinto e sê-te possível,
ó enigma, as armas abandonadas e a dor ferida,
um sigilo enorme onde o selo não tem origem!

13/12/85

A CATÁSTROFE COMO REVELAÇÃO

Nunca como agora me falou a sensualidade pura,
dizê-lo assim empobrece o sentimento aflito,
mas a máscara é um objecto do desejo capado,
e o mundo desobedece ao olhar do corpo sujo!

Nunca senti tanto o prazer de estar existindo
no devir monstruoso onde o pensamento, se pensa,
acha logo lugar para a nostalgia do impossível!

Nunca vim de tão longe para apalpar este perto,
minha respiração servindo de máquina do tempo,
meu corpo coisa tentacular no espaço liberto!

Ausente a mulher, sou-me tão essencial e viável
como um animal que se ignora sem se desconhecer,
por vezes a ambiguidade desfralda um zelo
onde nenhuma esperança é a esperança do começo!

Não me interessa quem foi e viveu e história
disse ou pensou escrever com a ilusão humana!

Julgo a hora como um homem cuja alegria abre
em perspectiva o universo dos sentidos ilesos,
sou talvez uma dor mas arfo um ardor selvagem
onde nenhuma filosofia recupera da limitação.

A catástrofe está aí e eu sou-a, uma epidemia
de sensações querendo viver pela vez primeira
o mundo, a terra, o segredo insuportável e árduo
da mentira que unificou os povos antiquíssimos.

Não há memória, para que tudo seja! Há o derrame
de um poder natural como estar aqui e ser, há
apenas a inocência quando o verbo pretende
perfilhar a ignomínia de uma sensibilidade
tão velha como a civilização da angústia treda!

Tanto amor desfalece-me, se o corpo que sou
encontra em mim uma casa do espírito, essa alma
paira e jaz ao som sédulo de um sopro divino.

Quero-me inteiro e inaugural como uma pedra,
quero sentir o movimento dentro do vulcão quente,
uma margem para a mãe e uma voz para o pai,
quero sentir em tudo a presença avassaladora
do que me faz ser sofrendo e gozando a hora!

13/12/85

NOCTURNO

No amargo da noite, quando o espesso silêncio invade a inexistência da vida, um íntimo delírio apodera-se dos sentidos, e sente-se, pela primeira vez, que há algo de errado em ser-se homem e vivo! Deixa-se, paulatinamente, de sentir a luz, e o sol parece tão longínquo como um astro à deriva na imensidão da nossa mais profunda inteligência! Quem somos respira um outro ser, e a metamorfose alarga-se em ritmos doridos e espasmos tecidos com horrores de outros mundos jamais vividos! É a hora da nudez, e o corpo indefeso reproduz um alarmante halo, como se viver assim, súbito, fosse o mais terrível crime cometido pelo homem! Deita-se, se a coragem não falta, um olhar sábio sobre a escuridão de tudo o que é fora e longe, o coração sibilando razões e raízes sem origem, como uma voz desarticulando as palavras corruptas que encontram nos dicionários a paz do túmulo! Sentir-se vivo, eis o mistério sem natureza, um apogeu e um cúmulo, o terror e o pavor, a lei seráfica onde nenhuma humanidade soube crescer para atingir a meta inútil de uma obscenidade! No oco da noite, ó vazio imbecil da ausência, diz-se blasfêmias, os objectos tornam-se humanos, as coisas conversam entre si como se a loucura não fosse mais pertença da história obscurecida, mas sim uma fogueira de ódio onde o sangue novo pode reconhecer o grito animal de um ser perdido entre a irracionalidade das formas e o esplendor caquéctico da realização como final delíquio! No plasma da noite, tu que escreves e não sentes, sente-se que um sol pode ser visível, e o espanto, em vez de te trazer alegria ou consolo ou amor, desfigura em pranto o pouco que existia de ti!

13/12/85

SOL NA MANHÃ

Na intolerável mendicidade do nosso coração
um só sentimento: o do vazio de um destino
que elabora no tempo drásticas memórias
do que efectivamente poderia ter sido!

Cresce e sobe e irrompe a manhã soalheira,
a música que se ouve é Paris nos anos 70,
muito perto já da vinda ou do regresso
ao mítico país que se fugiu de vergonha!

Uma piedade infinita invade-me a alma,
sou de outro mundo e sei-o, e é terrível
dizê-lo assim sem um sorriso nos lábios,
na mais desossada língua da poesia tosca!

Vou como quem fica sem lugar pelos lugares
da terra, as fronteiras guardadas de polícias,
os passaportes irrisórios papéis da ilusão,
o globo como uma lágrima ou gota de suor!

Felizmente tem havido a música e a escrita,
outroa havia ópio, hoje drogas como êxtases
que levam as populações ao descabro mental,
as sociedades abstractas aflitas de escrúpulo!

A mim basta-me sentir que homens inquietos
criam um estado de imanência e de absoluto,
os sons crepitando, as palavras cânticos
de uma absurda esperança essencial ao dia!

E assim desfiguro o meu destino proscrito,
apago de metamorfoses o crime original,
saber que sou outro, que vim de outro sítio,
desconhecendo quem me espera na estrada finda!

14/12/85

VELHA CANTILENA

Aproveitar, enquanto não aparece a dor,
para ser feliz! Feliz, isto é, viver um homem
como se não houvesse princípio nem fim,
em plena eternidade de cada segundo brilhar
como um infinito de estrelas no mar tépido
onde o olvido é possível como transparência!
Ser feliz! Passaram já tantos séculos, tantas
as asneiras ditas pelos filósofos e pensadores,
e ainda há quem deseje ser feliz e homem!
Paira como bálsamo a música na tarde quente
de um quase Inverno, a casa, o apartamento,
está vazio de outras pessoas, só eu pontifico,
seráfico e sublime, como uma explosão de lume
no lugar onde a ordem significa o caos.
Mas vou, pela imaginação, na auto-estrada
da minha vociferante obsessão, um automóvel
percorrendo o caminho da contingência,
como se nascer fosse mais simples sem mãe,
como se morrer perdesse o prazer da hora!
Ser feliz! Um encanto esta saúde, o corpo vivo
como uma ausência de consciência, o espírito
tão leve que imponderável o olhar sublinha
do mundo o segredo preferido da ignorância!
Fosse sempre assim o sempre e tudo seria
diferente, o acaso como o destino, a presença
quase receosa de uma dúvida que penetra ágil
o pensamento, a sensibilidade, a inventiva.
Mas vive-se da diletante mudança, a tragédia,
se não mais possível, irrompe absurda no poema,
um primevo grito de uma civilização agónica
apenas nos livros dos pessimistas redentores!
Estar vivo, que bom! Ver a árvore inominável
pela janela, o pássaro desconhecido, a estranheza
de tudo que não sendo mundo muda o sentido
de uma permanência e de um sortilégio!
Ser feliz, é quanto desejo e peço e almejo!

14/12/85

DA DIFERENÇA

Um prazer tão grande só pelo facto de estar aqui,
como se o universo se resumisse a algumas palavras
escritas em folhas de vento de dispersos sentidos!

A vida parece que corre e vai lá fora pelo mundo,
interessa saber os eventos, as notícias, os rumores
que dardejam os noticiários do globo imponderável?

Aqui é onde sou e isso basta-me! Pela escrita doce
invento uma sensibilidade futura como o orgasmo
de milhões de corpos seduzidos pela carne terna!

Aqui elevo-me ao mais sublime da ideia coeva, eco
translúcido e luminosidade terrível de um sol
que nasce pelo invisível da angústia desesperada!

Alegro a vida de espúrio e limitado contentamento,
a escassez da inteligência que governa o planeta
nada pode contra o fascínio de uma pele arrepiada!

Isso importa? Cegueira em toda a parte, o exílio
é o único lugar onde tem sentido haver uma mãe,
algumas vezes um pai diante do espelho infantil!

Percorro as artérias do mundo como se o planeta
existisse de verdade, não de preconceitos ideais,
não de filosofias que procuram a identidade seva!

Só me falta a mulher, todas as mulheres da terra,
esses nobres animais possuídos de uma fogueira
onde é um prazer morrer até ao fundo da cratera!

Estar aqui, ser aqui, viver aqui, existir aqui, aqui
respirando e perecendo cada minuto cada hora cada
eternidade como simulacro sibilino da diferença!

14/12/85

MISÉRIA

Quando a noite cai mesmo dentro de ti,
então, sim, sabes que a solidão é um universo
perdido no vazio do tempo, sabes que a mulher
é um elo impossível entre o centro do teu corpo
e a necessidade urgente de dizeres que vives!

Então, bem fundo e lento e calmo, quem és
abre-se como uma ferida de desejo, a felicidade
indecisa entre um beijo gratuito e o prazer
negado, como um espasmo de ti reduzido a amor,
ou ao sentido nenhum de uma metamorfose falsa!

Então, sim, sentes-te perdido, e se não choras
é porque tens o corpo cansado de dramas fúteis,
dos horrores de outrora quando a criança
que nunca foste te soube viver na plenitude
de um apelo vindo das raízes do desconhecido!

E enraivecido, e doente, e alegre como a loucura,
olhas pela janela indecente o negrume do céu,
murmuras lentamente: Quem sou? Quem sou?,
como se uma nova canção surgisse do caos
e o nada possuísse um esplendor de essência!

És um alcance, uma distância, uma inexistência.
Ninguém te reconhece, nem os vizinhos, falas
a língua do abandono e exploras em explosão
os sons sensuais de uma tragédia antiquíssima:
cinzas do que és navegam os siderais caminhos!

Tanta solidão! Só por castigo, pensas, e não vês
nem pressentes a grandeza de tudo isso, estás
cego de tanta presença no âmago de ti mesmo,
deitas-te sobre o chão da impossível inocência
e choras pela primeira vez uma dor humana!

14/12/85

DESCIDA AO INFERNO

Confessa-o, rói-te um horrível desejo, dizê-lo
é como poluir o inefável com poemas drásticos,
é lançar fogo e incendiar a sensibilidade cruel
entre gritos de horror e clamores de desespero,
estás só e sabe-lo, e isso dói até ao choro!

Nada do mundo te impede de falar, mas tu gritas,
cicias e meditas uma fórmula mágica que inebria
apenas os sentidos enquistados pelo isolamento.
Queres alguém junto de ti, um corpo, uma alma,
uma história carnal capaz de te recuperar!

Porque tu sabe-lo melhor do que ninguém:
cada minuto que passa afoga-te em loucura,
as coisas e os objectos tornam-se essências
como garatujos inanes de uma criança precoce
dada ao sortilégio das revelações prematuras!

Queres fugir, mas descobres aflito que o mundo
não existe, nem a terra do descontentamento, só
silêncios diluindo o cosmos como poeiras secas
de um holocausto onde a imaginação relativa
procura a todo o custo uma fonte de inspiração!

Que pessoas vivem em ti se de ti as pessoas
se afastam com medo do tumulto e do fogo?
Falas-lhes, apenas ouvem a social mediocridade,
o gasto lugar comum, e as trevas do pensamento
ardem ao sabor icástico de quiproquós ridículos!

Uma mão de mulher, um vagido de vagina saciada,
eis o teu desejo quando a noite desfaz o céu
e na escuridão do quarto te vês um soluço,
o vadio proscrito preso na prisão do espírito,
a carne rindo num ricto que o medo traumatiza!

14/12/85

ALEGRE INQUIETAÇÃO

Deu-me agora para andar à procura da perfeita emoção,
e de repente, reflectindo, fora de qualquer ideia
preconcebida ou simplesmente humana, sinto-me estúpido,
incompreensível, incapaz de pensar o quer que seja,
e muito menos de fazer activar a minha sensibilidade!

Mas é nessa emoção, pressinto, que seria um homem!
Não falo de devaneios ou de sonhos acordados, falo
do imponderável como matéria luzente da nossa vida,
uma súbita espreitadela para o outro lado do mundo,
o arrepio no corpo como se viver fosse sentir medo!

Se disse perfeita foi por estupidez! Queria dizer,
talvez, pura ou legítima ou mesmo genuína, uma emoção
onde estivesse todo e comigo o que melhor me define,
o caos indelével de uma ausência que berra cânticos
aos ouvidos embotados da consciência estarecida!

É mentira dizer-se que há períodos e épocas e eras!
Nada há, e é dessa presença que cresce e nasce o ardor
de um mistério que vive do além como do aquém respira
nosso pobre corpo indefeso perante o terror e o horror
de imagens onde margens não delimitam as essências!

Vivemos paralelos e ávidos e cruéis como animais
onde a antiguidade do feroz olhar domina o momento,
cada gesto um instante, cada minuto um acto falhado,
cada demora da revelação um êxtase e a esmola nua
com que se desenterra a emancipação do descabro!

Mas na emoção desfaço-me, um sentir fora e longe
do sentimento ou da sensibilidade, a comoção visceral,
o grito gratuito vindo do sem mim até ao lugar pleno
onde a história reflecte o clímax da vertigem: ser,
ser único e presciente do nada onde dói a perfeição!

16/12/85

INESTÉTICA

Não me atrevo a dizer que sinto um crepúsculo,
ouso apenas dizer que nunca fui como agora sensível
à luminosidade do mundo quando a noite nos visita.
E no tempo verbal está talvez a diferença da emoção!

Procuro, é verdade, uma palavra que seguramente
existe, sei que não se encontra nos dicionários,
mas o mundo, ou a terra, ou a vizinhança, é grande,
e as surpresas irrompem da fealdade do quotidiano!
Já não existe o sol, o dia foi tão fértil em calor
que dizer Dezembro é como cometer um pecado útil
para quem acredita na redenção e no paraíso.

Não sei do que estou a falar, porque, tu que me lês,
eu estou a falar, e não me digas que a solidão
tem segredos que me são desconhecidos: aqui estou.

Um homem? Uma ficção? Um projecto? Uma necessidade?
Estou tão vivo que de vez em quando a dor aflora
como se com a demora eu me apercebesse de certos fios
formando a teia onde nenhuma aranha ousa habitar!

Lembro-me, sempre de repente, como nestas coisas,
de uma cidade longínqua onde vivi a juventude,
de um poema escrito com um companheiro de então
debruçado sobre mim na tentativa de descobrir
a musa ou o mistério ou apenas a trapaça verbal!

Pobre de mim que não deixei de escrever! O público
ignora-me como sempre aconteceu com os génios,
mas por vezes parece-me mais com a mediocridade
o que sinto ser a essência de meus versos trágicos!

Porque começar pelo crepúsculo da terra e acabar
pelo fim da arte, de viver como de morrer, sem plano
nem visível forma, ou é desleixo ou uma pouca vergonha,
estados de alma a que sou tão frequentemente dado!

E no entanto, lido, relido, reflectido, sente-se aqui
que o universo tem talvez uma razão de ser, o poema
age como energia fatal no roldão imundo do caos
onde nem o pensamento nem a sensibilidade ousam
discernir de onde a onde vive, luz, resplandece,
aquilo que não sendo se afirma como plena afirmação,
não da arte como ilusão, mas da vida que nos falha!

16/12/85

NÍTIDO NUTO

Venham as sombras e os receios, estou vivo,
ó Medo, e ferido até ao âmago pelo isolamento
destes meses onde a doença se não é verdadeira
finge tão bem como a vertigem que nos alaga.

Vou ser-te, o que quer que sejas, este poema
será como a aventura de que sonhas acordado,
o apogeu de um estado de alma que te eleva
ao suor do invisível quando a tragédia arfa.

Que importam as palavras que não se disseram!
Há tanta ternura neste momento que sinto um alor
subir pelo corpo até ao centro de mim, o fulgor
terrível do sangue em pénis metamorfoseado.

Eis a tensão, para não dizer outro vocábulo,
a sugestão estatela-se pelo nodoso chão, eis-me,
sem verdade que te iluda ou me transfigure,
sem fidelidade nem grandeza, apenas um caco.

O gode da praia perdida pede-me uma luz cega,
vou ciciar-te, amor, tua nudez esplêndida corrompe
os sentidos e deixa-se subitamente de se saber
quem nos vive ou quem se insurge contra a morte.

Ei-la, a noite insubstancial e inadjectiva, ei-la,
como cresce e desce do céu estarecido de azul,
um silêncio pontuado de luzes na cidade deserta,
o silêncio no horizonte terrível da solidão.

Nada a fazer senão do nada espremer a ousadia
de uma possível alegria, viver, viver, cada minuto
uma eternidade, um nítido nuto, sim, amor, quero ser,
quero sentir na dor e no prazer o apagamento.

16/12/85

SER E VIVER

Dezembro nasce como uma aberração nestas paragens,
sol em toda a parte e todo o dia, só a noite inimiga
nos lembra que o Inverno não é uma invenção: o frio
invade as casas e diante da televisão sente-se o fogo
que a imaginação faz vibrar numa lareira antiga!

O apartamento é claro e limpo, Paris com a porcaria
é um pesadelo longínquo, o quarto de seis metros
quadrados uma prisão no coração da cidade luz!
Estar fora do país é como se o interior, a alma,
renascesse de novo das cinzas apodrecidas no olvido!

O mar é perto, e pacífico, como um enorme rio brando
sem margens nem corrente, apenas a tímida ressaca
nos dá uma duvidosa ideia do sal que deve temperar
os frutos escondidos do universo onde o homem pobre
procura sobreviver ao custo da sua própria imagem!

Em frente, na janela aberta e escancarada como um riso
de criança que não teme ainda o escuro da escuridão,
ramos de árvore desconhecida e pássaros piando ao sol,
entre um ouro de Outono e um eterno verde que é árvore
subindo inclinada até ao telhado sem telhas do imóvel!

Vivi sempre aqui, apenas passei e viajei em países
cercados de fronteiras e de línguas imperceptíveis,
este quarto viu-me nascer, a mãe longe e quase mítica,
o vagido primeiro como uma música, a mesma que ouço
agora do rádio que comprei não há mais de um mês!

Dezembro é uma canção que amei até ao cerne de mim,
lembro-me da humidade da marquise em outro continente,
o conteúdo é o mesmo, e a água resplandece em brilhos
icásticos como perigos de permanência na terra virgem,
ser homem neste longe e viver alguém neste limite!

17/12/85

A DOR DO APORISMO

Uma inexplicável torpeza do ser evola-se luz
pela tarde lânguida, a serenidade é um sonho,
a leveza um estado de morte como um estrondo
percutindo na noite o desastre da alma leda!

Nenhuma doutrina aflige meus passos débeis,
caminhando sou aquele que se desconhece: homem,
chamam-me algumas sombras do entardecer cruel,
só eu sei o segredo e não há nenhum mistério!

Vivo no medo como um pássaro celeste caído
na terra e no degredo, derrelicto vou cantando
quanto da perda foi meu furioso refúgio e sol,
do mar lembro apenas o frio líquido no peito!

Qualquer discurso é sublime se a palavra mente
um deserto ou um paraíso, o que há existe real,
pequenos nada, pequenas coisas, pequenos seres
diluindo a percepção do universo transparente!

Por isso pouco me importo com loucas estéticas!
Saber é irromper no mal como um rasgado sorriso
de quem desobedece à lei, ao figurino, à ausência
do que se anuncia como fim e precipitado começo!

Vou sibilino e real como só a história tropeça
no inexplicável percalço que inaugura o alcance,
meu ser é distância, é um onde sem lugar certo,
uma casa situada nos confins da miséria humana!

Que morte, ó metamorfose, se é pela alegria núbria
que acerto o passo e prolongo o encantamento?
Que vida, ó desacerto do mundo, se é pelo choro
que ganho um simulacro de impossível essência?

17/12/85

A MODERNIDADE É ISTO

Sigilo após sigilo chego à terra calcinada
do pavor, as cinzas já frias e os fumos subindo
pelo céu intelectual de uma imaginação que mata
todo o doloroso poder da vida como processo.
Fosse eu uma canção das que ouço mil vezes,
muito mais simples seria viver o castigo rude
onde me vejo em cada hora que passa sem volver.
Que fiz, ó vazio de mim, que fiz, ó vazio da terra,
para merecer um quotidiano de terror e falta?
Os crimes cometidos em que arquivos se encontram,
quero lê-los para sentir o peso da gravidade!
Passam derretidos em arbitrariedade os dias,
das noites nem se fala, a solidão não alivia,
e o sono, quando chega, é como mão assassina
preparando-se para o último golpe, o de misericórdia.
Os afazeres são a realidade e cumprem-se: viver
sempre foi fingir que há um começo e um fim,
e faz-se isto e aquilo com a meticulosidade viril
de quem não sabe onde está ou em que jogo joga.
Ah!, passam os dias, e o sofrimento e a tristeza
são tão grandes como quando nada se sente na alma,
nem sequer o acordo divino com as outras coisas!
De que falo? A energia desenvolve-se em horizonte,
um halo longínquo, mas é aqui que estou e vivo,
que me importam os desertos e as vozes sibilinas?
Aqui é onde sofro, e como dói dizê-lo assim, elo
obscuro de uma mudança e de um chamamento, apelo
terrível onde nem se sonha o precipício nem o medo!
Sim, ninguém é culpado. Tudo está bem! Deixa-me ser
mais um momento, sentir o vento pelas árvores húmidas,
deixa-me sorrir como se o homem em mim fosse eterno,
um segundo de revelação, e o assombro, e o espanto,
a pura alegria de um encontro com ninguém, o pleno,
vaso de terra onde o fogo arde e a chuva retém
do segredo humano apenas o monólogo extemporâneo
de uma língua que se fala porque a solidão a imola!

17/12/85

A LIBERDADE DO ABSURDO

O quarto iluminado como uma ferida branca,
a janela trazendo a noite, a falta de coragem
para fechar as cortinas, e depois, sobre a mesa,
a máquina de escrever, um monumento da antiguidade.

E depois, se existe ainda alguma objectividade,
meu corpo resume-se ao coração e a ternura frágil
espalha-se por mim como vagas de medo estúpido,
embora esse não seja o melhor adjectivo.

Estou embaciado pela emoção que finjo, a vida
é sempre um fim de verso e um poema traduz
não o que se sente, mas o que se é, que máscara
poderá resistir ao poder das palavras libertas?

Sou nelas um barco sem destino e nelas abro
meu ser para um infinito e um perto, a porta
sucumbe quando penetro timidamente o juízo ágil
de uma possibilidade que se quer mundo e coisa.

Eis-me, ó liberdade! Depois de tantos anos, a hora
que vivo explode como memórias sem tempo, a música
cresce na pele, o espírito de que nunca falo fala
por si de um atrevimento sem final retrocesso.

Uma luz quase essencial de brancura e segura
alaga o quarto onde durmo e escrevo e soffro,
sinto-me bem, ó tu que não me lês, e por dizê-lo
sinto já um remorso invadir-me a consciência.

Vou acabar este poema em beleza, tenho a certeza!
Não com a chave de outrora, nem com a fórmula
aprendida nas escolas da irrisão: simplesmente
me basta dizer que estou vivo e sem razão!

17/12/85

SEGUNDA PARTE

DOENÇA

Will power is nothing. Morals is nothing.
Lord, this is illness.

John Berryman

ESPUMA DOS DIAS

O objectivo nenhum da nenhuma poesia
que me invade é como uma negação falhada,
uma presença impossível de uma resposta
desprezada ao nível sublime da essência!

Sussurram e mussitam e ciciam os dias,
tanto verbo não dizendo a mesma coisa,
mas da coisa permanecendo o redemoinho
de uma linguagem perdida na inquietação.

Quem te fala não me abre em pleno ardor
da indispensável imaginação, quem te lê
sorri do disparate e não compreende o amor
que se esvai em tantas páginas amalgamadas!

Poesia, teu fascínio apodrece à luz nenhuma
de uma comiseração insuportável, escrever
sustenta o clímax, mas do brilho redentor
jaz apenas as penas de um fulgor defunto.

Nada como sempre e tudo permanece em frente,
eis o mundo, essa vacância e esse domínio,
fingir que se prediz o que se diz, sem saber
até que ponto é nulo o processo da ausência!

Solenes silêncios pela música maternal,
nenhum filho ousa seduzir pela dança,
eis-te nu e sibilino no delírio da fome,
o corpo reflectindo uma possibilidade ancha.

Querem-te poesia e se rio, rio de esperança,
mais um dia vivido entre o frio da solidão
e o estranho amor que não se sente pelo zelo
que se põe no mínimo detalhe da descoberta!

RELAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS

Sobre a cama apergaminhada de anfractuosidades jazem fotografias da última viagem cumprida. Estive ali, fui veloz como um carro pelo vento que me levou a cidades desta terra e deste mundo.

Sou mais rico? A pergunta falha, já era tempo de mostrar mais inteligência naquilo que faço. Contemplo, absorto e ridículo, quem fui, horizontes felizes e fantásticos onde o olhar quase perdi.

Florestas tão compactas e primitivas que o sol não penetra, meu coração prevendo o perigo, a humidade e a escuridão de um começo mítico estrangulando o desejo de ver pela crueldade.

Sou esse rugido selvagem, o carro perpassa anacrónico como uma seta, o medo da solidão transforma meu pulso numa bomba sem sentido, onze milhas de interior suor e maravilhamento.

Depois, o sol, a montanha, as nuvens escuras fixas num azul impessoal, a altitude desflorando meu deslumbramento, e estar só assim sem sintaxe foi como decidir pela primeira vez pela vida.

«Quem sou?» sulcou-me de lado a lado, o corpo irresponsável e irrespondível, o olhar objectivo como esta fotografia que agora me seduz, a luz talvez de mais, ofuscando a intimidade do sigilo.

Nesta cama passa o tempo vivido nas férias, uma cidade e um campo, a natureza sempre desigual, a nossa personalidade sofrendo o fora, esta hora em que viver significa finalmente estar vivo!

O DELIDO SUSTENTO

Traduz-se em fanáticas palavras o medo
segregado pelos nervos, pela constante dor,
é-se homem pelo animal que nos faz mal,
sofrer é um limite onde morre o horizonte.

Mas diz-se, embora se não pense: porra, viver,
viver enquanto se está vivo, com coragem,
mesmo se inconsistente e inconsciente, ser
esta abertura rasgada pelos sentidos acesos!

Porque cansa o mesmo, e depois, lembra-se,
o suicídio, não como metamorfose do mítico
explorado em literaturas do acontecimento,
mas como último consolo ou só tábua rasa.

Porque dia a dia a vertigem e a asfixia
ardem em fogo lento, o espírito sabe-se corpo
na revolução dos sentidos perdidos em pasmo,
a morte como um muro desperto de significados!

Só um passo, e se te queres matar, dura, jura
que venceste o medo do anonimato e da frieza,
exige do destino um documento extemporâneo,
do mal uma autêntica cópia da desmesura.

A janela aberta, a casa ao lado, a árvore:
realidades, as transfigurações da necessidade,
o alcance como perímetro da inconsciência,
uma ardência subindo e descendo o caminho.

Resta impossível e no entanto exacto, o medo,
incrustado na poesia como um defeito, a fonte
sem origem da vontade que me impele em frente,
percorrer a vida como uma vagabundo empobrecido!

3/1/86

INACABADO

Cai chuva desesperadamente pela fria tarde,
ninguém me telefonou, a máquina de escrever,
silenciosa, chama-me como uma ausente amiga,
venho sublime e perdido dizer o que não sei!

Tenho o quarto desfeito em pensamentos crus,
algumas peças do vestuário que me aflige jazem
ao sabor da jangada prefigurada pela cama
que desliza num oceano sem vento nem tempestade!

Silenciado pelo limite e temeroso da doença
ouço a música do século e deste continente,
alguns sons que me são tão essenciais na vida
como o próprio pão de que me abstenho agora!

Se morrer fosse pelo olhar estaria ainda vivo,
mal percebo este verso, detenho-me, que escrevo
para desmerecer a compreensão da inteligência,
que sinto para perturbar a velha semântica?

Oh, sinto-me sentido com a vida que me alaga
de suores e dores, os dias atravessam o algor
de uma solidão em que as raízes já não existem,
as noites metamorfoseiam-se em cruéis castigos!

Tenho de escrever aos amigos e sem vontade
espero pela inspiração, é sábado neste mundo,
chove e o rádio desperta-me do sabor da morte,
um horror ter que assumir a minha eternidade!

Nada do que fiz sou ou fui, a falsa teoria
quis-me sempre do lado de lá, a pura existência
apodrece-me como se hoje fosse já um homem
obedecendo às leis subtis de uma humanidade!

MAL-ESTAR

Vômitos da consciência nesta ânsia ontológica,
apetece desaparecer, sumir no logro da liberdade,
esse nada feito de luz onde o sol não existe!

Apetece abrir o corpo e deixar pela alma velha
escorrer o sangue quase intelectual da história,
lidos os livros resta-nos a memória das coisas!

Um mal-estar sincero como o quente suor da mão,
o olhar drogado e o ventre maligno desespero
de um confronto com a própria inautenticidade!

O tempo não ajuda. A chuva cai como se o Inverno
justificasse tudo e fosse um normal presságio
para a ignorância que me banha de perplexidade!

A família longe e a casa fria, carros que passam,
passa assim a vida, quase noite pelo céu enevoadado,
nenhuma chamada de ninguém que me conheça homem!

Meu enigma é não sê-lo, meu mistério é revérbero
subindo da terra como aspiração inconsciente,
meu medo um deslize do dedo feito de destino!

Ninguém por aqui e não ser eu que sou ninguém!
Quem escreve chama, o horror, o grito, o apelo,
depois o silêncio de missões não cumpridas!

Se ao menos isto fosse naturalmente a poesia!
Interessa a furiosa glória do mundo esvaído,
importa demonstrar que se sentiu uma ausência?!

Pela casa vou de passos perdidos e gestos úteis,
um homem onde ninguém depositou o selo eterno,
um nada desfigurando a panóplia da língua ávida!

A MÚSICA COMO CATACLISMO

Quisera sentir a vida de maneira diferente,
fora do olhar, como um animal sadio pensando
todos os sentidos, e mais um, aquele que ciciza
ao ouvido a importância magnífica da música.

Estou tão alto que me perco de sentimentos,
sinto confusões de pais e filhos, a mão cruel
esguarda-se como um olhar severo e monstruoso,
a falta subsiste e nada do que existe é tudo!

Ouçõ a voz de poetas contemporâneos, a tragédia
é hoje, viver, não saber como, ouvir e dizer, ser
no amálgama de sons a sensualidade da morte,
perecer como se fosse pela vida o seu começo!

Atento ao pouco de mim que subsiste sujeito
a escrita à metamorfose e ao delírio, aqui
respira quem se imiscui no langor do espírito,
aqui sofre a linguagem do profundo desconhecido!

Não haver nome para o que é, eis o processo,
o lento drama da consciência inóspita, absoluto
nuto diante do desejo que impera no logro sujo
de uma abstracta necessidade de amadurecimento!

E consta que se escrevem poemas mesmo aqui,
às vezes sinto o crime apoderar-se das mãos,
um suor anterior ao nascimento, o fulgor cego
de uma voz sem início que medita na salvação!

A cabeça apodrecendo, o peito arfando, e o medo,
este quase quotidiano estar sendo na dúvida,
um esgar terrível do futuro no fundo apaziguamento
de um muro que contenha a história da vertigem!

O ESPANTO DO FASCÍNIO

Na volúpia da noite nenhum desespero é atroz,
apenas o cântico de misericórdia diz a miséria
de uma solidão que nada tem que ver com a voz
saída do isolamento de quem se ignora humano!

Estranhos sentimentos invadem o perfume da hora,
sentir é vestir a roupa perdida no incêndio,
o desgaste é único e só o sofrimento redime
quando o cansaço compõe uma música indiscreta!

Noite recentíssima, ter-te como uma estrela vil
pendurada num céu infantil e depois sofrer-te,
o coração apenas um órgão, a alma uma necessidade,
o corpo a própria evidência de que algo está errado!

Na escuridão do grito o pensamento abstracto
encontra a emoção do medo, palpita e crepita
um fogo que nasce do imenso desejo de viver,
as palavras delirando sinais de compromisso!

Em que verso me enclausuro para poder assim
sobreviver, passar barco deslizando no oceano
das horas, o tempo, o espaço, as entidades nulas
de uma fuga em que se precipita o desencontro!

Nenhuma pergunta pervaga o silêncio dolorido!
Um homem inchado de dor deplora o nascimento,
a pressa em que se arvora o derramamento ficto
de um prazer sentido tímido como se fosse certo!

Acabar, acabar o poema sem perecer, eis a lei!
A cabeça ardendo de leveza, o sentido extrovertido
de uma imagem desflorada no lugar intenso da dor,
essa flor sempre virgem mesmo depois da eclosão!

ESPERANÇA

Quando a realidade surge como um nevoeiro nada há a fazer senão esperar que os senis sentidos se recomponham da revolução e da catástrofe...

Não há espaço para uma vida interior, sentir sem sentimentos é o quotidiano da aflição, ver obtém um espasmo diferente e a dor que se sente fere-nos como um gládio subindo em plena luz!

Apetece então desferir percalços e delírios, apagar a consciência das coisas consabidas e erigir em permanência a ausência como sinal indelével de uma outra mais premente poesia!

Mas a dor dilui-nos, o agulhão do medo abre-nos sem desespero como um fruto maduro, a loucura não tem fronteiras e as frases corriqueiras ganham de repente o estatuto do sério e do novo!

Terrível! Ficar assim mexendo-se em nós como nós inflexíveis, o fogo, o lume, a ardência da miséria surdindo em cataclismos de luz pelo azedo terror de um incêndio capaz de nos elevar ao martírio!

Apetece gritar, mas é pelo vazio que se entra, a porta fechada e o clímax do desejo um beijo onde a morte é essência e símbolo e derisão!

Então, sublime e sublimado, o passo do homem é um passo amordaçado, fugir, fugir, mas o século é vinte e nada, nem a fogueira nem o navio veloz podem resolver em paz o frenesi de uma aurora!

Quem me sou? A nuvem flutua e o algodão navega, a natureza despede-se num trejeito irreal, viver, canta ainda o poeta desdito, e viver oblitera a voz de um tempo que se julga o último único!

Nada perpassa, nem o vento nem a chuva, mas o sol
brilha lá longe como no conflito entre o mundo
e o indivíduo que se quer a aliança com o futuro!

Viver, viver, chora quem se ignora, mas o augúrio
inaugura e instaura e estabelece o verbo indecente,
oh, sim, morrer finalmente sem nada ser nem poder,
um espantalho declinante crescendo pela terra!

5/1/86

O CERCO, O CIRCO

Ah! os afazeres que nos enchem de suor,
limpar o carro na tarde de domingo, ciciar
algumas palavras obsessivas, e depois,
descansar, a máquina de escrever redimida!

No obtuso corpo a obesidade miraculosa,
uma gota abrindo o espanto como sangue
deslizando perigosamente pelo silêncio
de quem se ama para lá das aparências!

Fazer coisas, fazer coisas, fazer coisas!
Mover o corpo e o espírito, a acção, a margem
onde nenhuma essência sobrevive, nem o tempo
que necessita de barreiras e de relógios!

A queda pessoal na impessoal metamorfose
do verbo, as palavras céleres e gastas, o uivo
como severo alcance de um movimento anímico,
a fome como estagnação dolorosa da loucura!

Nenhuma poesia aqui, nem ali nenhuma abertura,
apenas os dias e a doença e o sofrimento,
maldição, onde escolheste teu escravo, em mim?
De mim recebes apenas o delírio da ignorância!

Vou resistir, vou resistir, preciso não desanimar,
digo, repito, sussurro, muscito, a alma desflorada!
Nenhum sinal de recuperação, a vista uma origem
onde a vertigem apaga os vestígios da realidade!

Ah, os dias que passam! Ai as dores que agem!
A casa plena e vazia, a contradição necessária
como um raciocínio inteligente onde a emoção
descobre em si o resumo de uma outra vida!

ORAÇÃO

Dormir! Dormir! Venha o sono, o esquecimento,
ficar imóvel e quente no absoluto nada,
uma incógnita sem significado, uma morte
desejada, a dor delida e o corpo ausente!
A felicidade, ser inconsciente e talvez ser,
a vida uma ignota ignorância, passar o selo
a tarefa, no sonho ou no pesadelo, mas dormir,
o mundo perdido, a terra violada, o sorriso
de quem nunca foi criança diante do nada!
Oh, sim, deixa-me deitar-me na cama autêntica,
deixa-me sentir o calor de cobertores úteis,
deixa-me perder os sentidos e lentamente
afogar-me em águas de invisíveis olvidos!
Morrer dormindo, eis a felicidade suprema!
Passar do nada para o nada como um cadáver
que se estima e reconhece na confusa ordem
das coisas o lugar por excelência da memória!
A dor insulta-me, o medo dilata-me, viver assim
é como receber do corpo um castigo perpétuo,
dizer alma é como sugerir uma monstruosidade!
Oh, dormir! Dormir sempre, longe da dor desperta,
num embalo essencial, nadando e subindo o rio
da inconsciência, o coração rimando a perda
com o derrelicto sublime que nunca espera!
Venha a noite, venha a hora, estou cansado
de remar, de perder quem sou no sofrimento,
venha o desejo de desaparecer como estrela!
Imbuído de nervos meu corpo tece a sinfonia
do inferno, o mal alveja o reduto deplorável,
eu que fui eu e sou agora apenas a página
onde um miserável poema escreve a desolação!
Dormir, dormir! Se deuses houver, dormir deus
no infinito do tempo e no limite do espaço,
a voz clamando, o grito abafado, o gemido eco!
Um só desejo: esquecer-me! Passar sem sofrer!

ENCANTAMENTO

Entre o mistério do medo e o mistério do nada
aparece esse borrão amarelo de um sol perdido
na parede do apartamento quando o crepúsculo
desflora em amarelo ouro a novidade da presença!

Dualidades coexistem como ambiguidades subsistem
quando o olhar vazio do homem vê na atmosfera
um grão espiritual da ausência que inunda o mundo,
viver divide-se entre o fora e o dúbio interior!

Não se crê que seja possível tanta beleza inútil,
o apartamento, de súbito, rejuvenesce, a hora parece
viver de um halo extraterrestre, o encanto sugere
que se assiste ao desnudamento do oco universo!

Ninguém está aqui e quem fala são os objectos,
estranho, a disposição das coisas, a cozinha quadro
onde nenhum pintor soube ser sublime ou apenas
artista quando a realidade foge das regras sáfias!

Se não fosse o vil apagamento da consciência
diria que se é feliz, mas a droga oblitera o juízo,
apetece pertencer ao mundo e ser como um fruto,
a jarra sem flores floresce no esquecimento!

Que fazer com tanta beleza?, pergunto assustado.
Se houvesse um poema, penso, capaz de transmitir
a sensação do momento, esta fértil emoção, o eco
vindo de não sei onde até ao lugar do desgaste!

Pouco a pouco a consciência e o crepúsculo
coincidem no sono dos sentidos, navega-se outro
barco, os factos meramente perdidos e a beleza
traduzida em história de uma novidade ancestral!

EPIFANIA

Na tarde húmida da chuva dos últimos dias
este nefando clarão de alerta e alegria, o sol
outro ouro amarelecido como uma fulgência rara,
espalhado e sem vergonha pela terra inocente
onde tento viver um susto que me dê a simpatia
de todas as coisas em todos os momentos...

Nele me projecto sem futuro nem horizonte,
uma ponte entre quem fui e não mais é
e aquele que se esconde no futuro aventureiro!

Porque ao espaço de ouro e de beleza o tempo
perde o que de seguro e de essencial resta
na memória alucinada de quem se pensa um homem!

Apetece atirar cerzidas palavras ao infinito,
mas só o pensamento prevalece, a inteligência
denuncia-se como um passo irrazoável ditado
pela inclemência onde o destino se ignora!

Tarde emocional e efectiva, teu brilho doloroso
esconde pela natureza um vago desmembramento,
alguém sucumbe, alguém se fere, alguém balbucia
um canto de desesperança como se o crime eterno
viesse visitar o esplendor de um arrebol!

Meu olhar não é meu. Quem sou deixa de ser!

Viver, viver é como assistir ao percalço novo,
um movimento do espírito moderado pelo esboço
que se constrói em cada sorriso despretensioso!

Não há, nunca houve infância, mas apenas isto:
um sol derramado como revolta da consciência,
o calor do amarelo perdido em catálogos cegos,
as nódoas flutuando ou fixas na parede interior
de uma casa que não abriga nem destitui o rito!

Toda esta ternura por mim como um cataclismo!

Esta elevação anímica, o corpo surpreso e delido,
interdito perante a revelação da fala essencial:
nada, nem sequer um vento, mas a árvore humana
apodrecendo lentamente nos ramos e nas folhagens,
um silêncio tão inaudito que é pura perda saber
que pelo sol também vem a desmedida da queda!

6/1/86

RECORDAR O DESEJÁVEL

Não é desejo, é como um cerco celular cedendo seu jeito de esplendor na vaga nostalgia do odor que se presentiu quando a vida periclitante ardia ao compasso irresoluto de uma música nova!

Amei as efusões do corpo revoltado em arrebatamento, disse sim à carne quando um olhar de mulher povoou a noite e seus silêncios siderais, ouvi no gemido feminino o apogeu do segredo humano!

Passei de emoção em confusão como um homem quando escreve a ignorância daquilo que sabe, suspeitei da acalmia depois da explosão integral, sucumbido e satisfeito soube acordar na manhã.

Vi o rocío em plenas folhagens da verdura, assisti comovido à tremulina em riachos verdes, um silêncio da origem, mesmo se o começo inaugural pertence mais à esfera intelectual da história!

Alhures alguém dormia e no corpo desprovido via-se nitidamente o espanto de uma aurora, a luz caía como seduções da memória, e ao ouvido seduzido chegava o cântico intrigante de uma demora!

Nasci e morri mil vezes no vazio quente da carne que se abria, subi rios e desci montanhas, ouvi o rumor do vento tecendo árvores aflitas, a casa um roldão e um ninho, a natureza uma afogada hora!

Nada disso possuo agora! Só e visionário, doendo o corpo pela ausência e pelo castigo do infinito, lembro quem nunca pude ser e choro de impotência, um sorriso enigmático abrindo-se até à morte!

O NASCER DO SOL

A alegria de escrever dentro do sol,
a manhã belíssima, saída do princípio
quando a terra não sabia o homem!
A alegria extática de quem como eu
sente na terra um lugar privilegiado
para a vida, para o silêncio do amor!
A alegria terrível, ao mesmo tempo,
porque se descobre a monstruosidade
de uma presença que deveria não ser!

Na árvore em frente teias de aranha,
nenhuma pergunta balança à brisa lenta
desta manhã submersa na imensidade!
Intenso é o adjetivo, e um rumor calmo
irrompe de repente na consciência,
se a vida fosse sempre assim um sempre!
Bate-me o sol no rosto, de viés, casas
perfilam-se adiante como imagens cegas
de um filme que todos esqueceram de ver!

Olho, imbuído de confiança, a indiferença
das coisas e dos sistemas habituais, vida,
sussurro entre dentes, da ideia encantado!
Sou um homem, não duvido mais. Conheço
o segredo imponderável do sofrimento,
só aqui há realmente tempo e ardor e paz!
Toda a terra para morrer, e uma lágrima
selvagem abre-me como se a criança leve
não estivesse morta na memória trágica!

7/1/86

VISCERAL

Se nisto que escrevo há artifício, queima-me!

Só da vida me importo, não da minha que se vai entregando à poeira e aos esgares, mas da do universo onde reconheço a imagem terrível da vertigem fatal.

E quando digo universo falo-te de mim e das coisas, do pequeno pássaro que saltita de ramo em ramo, do cometa que atrai as populações desenganadas!

Não penses descobrir-me na curva da estrada, lá estarei, mas serei outro, uma margem específica da tua credulidade na inteligência humana.

Escrevo para me salvar! E nada está dito, nenhuma revelação abre o segredo da escrita, nenhuma leitura aturada ou superficial verá um centro para a inexistência da essência amada!

Virá um dia em que as palavras se metamorfosearão em homens, caminharão na terra como um esplendor invisível e impensável à mentalidade hoje moderna, saberão distinguir o princípio do fim, sem alarme, com um sorriso nos lábios refeitos da nostalgia!

Por isso, se me lês, não te preocupes com explicações, nada disto tem importância, só a amizade conta, teus olhos severos dormindo ao ritmo desta canção, um aceno e um adeus, a prefiguração virgem da hora em que todos seremos iguais na terra imaginada!

Viver devora-me, cada minuto cada gesto, repetir é reproduzir em cadência a miragem de um tempo capaz de conter o desastre como a súbita aurora!

Ama-me! Se te queres salvar para lá das aparências, ama-me! No amor encontras a outra face do degredo,

a repentina manifestação de uma entidade nova
querendo regressar à origem da qual nenhuma memória
registou a idade ou o declínio ou a perfeição!

Se achas que nada disto é essencial, rasga-me!

Fecha-me no livro em que me encontrares, e lança o livro
à fogueira patética do esquecimento e da irrisão.

Não sofrerás com o teu gesto. Talvez, até, ganhes
uma presença que te perturbe para sempre: se és
quem lê, descobre a inutilidade de tudo neste nada!

7/1/86

INAUGURAL

Furtivo e desmedido denuncio-me excêntrico
ao fervor escrito na esfera deste pensamento.
Não que esteja além ou mesmo em qualquer lugar,
o sítio é desnecessário para que a palavra
passe de mão em mão pelo tempo intransmissível!

Se me não compreendes, não te penses estúpido!
Abandona-me no frio do deslize onde se abre
o futuro e deixa-me viver abafado na ignorância
das populações, um objecto ou uma coisa, um ser
tão estranho que queima as margens da necessidade!

Lá serei mais eu, e quem serei eu neste jogo
sem palavras? Arfa meu coração de homem vivo,
meu pénis esquecido entre as pernas cansadas,
meu olhar perdido na beleza de uma ideia recente,
meus sentidos sentindo a realidade do nada!

Não sou fogo e ardo. Não sou água e deslizo rio
como quem se banha em margens da revelação.
Não sou terra e nela passeio o anseio terrível
de viver fora e dentro uma mistificação aprazível!
Não sou ar e ondeio como cântico antiquíssimo!

Vivo independente do homem e por isso sou só.
Eternidade é o meu castigo, nada daria para ser
pela sobrevivência de poemas ou obras risíveis,
basto-me quando expando meu amor pelas planícies
da emoção ao sabor da sensibilidade terrestre!

Nunca estive aqui, onde quer que seja! A palavra
fendeu-me em milhares de sinais, a abertura dói
como repetir todos os dias os mesmos gestos.
Meu sangue é minha alma. Minha escrita meu amor.
Só pelo silêncio se adquire uma dimensão humana!

BREVE APONTAMENTO

Uma DIET COKE ao meu lado, CAFFEINE FREE!,
e passa como se nunca tivesse sido a noite,
um pouco de frio pelo quarto e pelo salão,
mas aguenta-se, com a música enchendo a casa,
não diluindo contudo a solidão de se ser só.

Junto a uma das camas que pontificam serenas
jaz um trampolim comprado em San Francisco:
todas as manhãs, agora, faço o meu exercício.

Corro veloz pelas imaginadas ruas da cidade,
não saio do mesmo sítio, olhando o relógio
para saber quando acabará esta tortura: dez são
os minutos que me concedo, depois, veremos,
um amigo diz-me que terei de ir, pelo menos,
até aos vinte minutos de dor e suor e ridículo.

Manter-me em forma, quando da forma só resta
um corpo obeso, uma carne flácida, um peso teso
como se a monstruosidade humana houvesse aqui!

Mas agora é só a noite e o seu silêncio amado,
quase literário e sobretudo já simbólico.

Foram tantos os poetas que a cantaram outrora,
que eu choro-a, imbecil e sem saber porquê,
como se pelo castigo que não consigo conhecer
a vida da tragédia me consumisse em segredo!

Já não faço mais perguntas. Não me interessa
falatar desvairadamente diante das paredes,
se eternidade houver eu sou-a, pequeno verme
reduzido a uma língua quando as linguagens
fulgem de esplendor, de êxtase e de maravilha!

Tento humanamente viver a música que balança,
ser cada som que se esvai em outros sons, ver

com a alma quanto me perpassa de autenticidade
na revolução dos sentidos que completam assim
aquele que não sendo poderia imitar o homem!

Bebo placidamente a COKE, olho em redor, vazio,
digo sem pensar nem proferir nenhuma palavra,
e fico-me em silêncio como um animal ferido
incapaz de descobrir de onde veio, para onde vai!

9/1/86

DESESPERO

Depois de uma noite angustiada de medo,
uma manhã finíssima de dor no coração,
minha tentativa de acordar a alegria,
entre o suor de um ataque iminente voz
e a incerteza de uma possibilidade real!

Lembro ternamente a família, minha filha
e minha mulher, meus pais tão longínquos,
sem lágrimas que me disponham a acreditar
que só na morte fui um ser solitário e único,
lembro do futuro o que o presente me nega!

Uma manhã linda, o sol penetrando sibilino
pela ávida janela quase escancarada, viver
deixou de ser uma vadia aventura, dois anos
neste inferno de mim depois de perdoados
todos os que contribuíram para assim sê-lo!

Neste país isolado por uma vontade natural,
pensando encontrar a paz e a vida e o ledó
sentido da esperança, eis-me cevado no horror
de pensar o minuto seguinte uma absurdidade
no declínio extemporâneo do tempo vivido!

Que fazer? Os comprimidos tomados, as vertigens,
os anseios, a angústia, tanto sofrimento nítido
como um poema que se escreve na consciência,
e depois se esquece, e depois se tenta reviver,
e depois se desagrega em outro possível poema!

Que se passa comigo? Que doença me amaldiçoa?
Viver pela morte como um cadáver já suposto
em suspensão do tempo no espaço milenário
do destino que se ignora, não posso mais,
e posso entretanto morrer só como um cão!

CANÇÃO DO DESAMPARO

Tantos os anos na tentativa de me afastar de mim,
de ser outra coisa em outro ser, de ver o mundo
diferentemente, e sempre em frente, como um castigo,
eu que me perco em lamúrias de medos antiquíssimos!

Já cansa! Não ter entretanto adquirido a maturidade
para aceitar a morte como natural, mesmo nesta idade,
não ter conseguido preparar-me para o vazio de mim,
eis o que me envergonha e me deixa petrificado!

Só se morre uma vez, diz-se, e como é mentira!
Tenho morrido tantas vezes, percorrido aflito
o medo do silêncio e do nada, suado o minuto
como um nulo nuto perante o injustificável!

Que sabedoria se me nega nesta febril paixão?
Viver não basta, tenho que perceber pelo dentro
de qualquer alma que seja ou esteja disponível
que só se deve morrer uma vez e definitivamente!

O sol não me diz nada, a música é absurda, eu mesmo
exploro e expludo de insignificância, um olhar vazio
incorporando do mundo apenas a sua ausência, as coisas
diante e ao lado, por cima e por baixo, extravagantes!

E quero tanto à vida que me entristece não sê-la!
Leio os autores queridos, releio-me na presença
de meu corpo dorido e insuportável, quero tudo amar,
mas que querer me impede de ser feliz mesmo no fim?

Tento dizer: Tudo está bem! Mas é mentira, não o sinto!
Sinto que não mereço esta dor, ver na vida a morte,
a todos os instantes, a todos os momentos, imagem
do horror que me cabe neste confronto sem deuses!

INUTILIDADE

Venho com todo o amor até ti, palavra,
para te dizer que Janeiro por estas paragens
refulge de incêndios na praia tresloucada.
O mar é um amansado lençol onde nenhuma ressaca,
senão a poética, ressalta como evidência.
Lá ao fundo, um nevoeiro branco e esfarrapado
anuncia as ilhas que se iluminam de escuro.
O sol cai sobre as águas e fere os olhos cegos,
o verde da relva é um perímetro de felicidade.
Centenas de banhistas neste fim de semana,
algumas crianças brincando num parque de propósito,
as mães animais selvagens de redobrada atenção.
E sobretudo, corpos, de homens e de mulheres,
geralmente jovens e sadios e despídos e decentes
como se a paisagem fosse para menores.
Eu, com o meu eterno livro dos outros homens,
sentado num banco feito expressamente para isso,
finjo que leio e percebo as frases adustas
que se despegam da irrealidade do Verbo, e fito
longamente minha agonia destes últimos tempos.
Saúde, se és deus, diz-me o que devo fazer
para aplacar tua raiva e teu embrutecimento!
Corpo, por que me atraíças, que mal te fiz?
Viver, sinto-o, não possui nenhuma regra visível,
padecer é um estado de graça frente às forças
que se levantam para nos aniquilar de perfeição!
Nunca como hoje amar me inebria de espanto,
ser, ser uma árvore ou o grão de areia deslizando
entre águas que se despedem do mar irresoluto!
Meu destino é incógnita, ó Nada, minha força
esvai-se no cataclismo de uma língua de vertigem,
meu coração estremece por ser verdadeiro,
viver, cicio tão baixinho que parece ser outro
quem sou neste tempo de medo e de declínio!

DELÍRIO

Sustém-se a suspeita de nada como voo feroz
ferindo o horizonte extático da minha vida.
Nenhum sinal, mas o martírio quotidiano da voz
que me injecta de delírio e de doença e de ódio!

Meu olhar apodrece como fruto maduro, meu amor
despe-se sem sentido e eleva-se ao desmembramento,
a fogueira aceita meus castigos e pela cinza
seduzo o mecanismo animal do tempo da existência!

Não sou quem fui, e nada tem que ver com a velhice!
Algures alguma coisa se corrompeu em mim, os nervos,
como me diz a medicina, a força anímica, penso eu,
sem que o desejo de viver tenha diminuído!

Ferido pelo corpo, para onde me posso virar?
As Leis estão perdidas, a Ordem esvaeceu-se do mundo,
o além é a palavra com que se fica depois da peste,
quando a ruína fumege e o fumo se desfaz no azul!

Morrer é uma obsessão plasmática, acmástica,
um singulto pessoal e contínuo, como a respiração
de quem no estertor reconhece o fim pela dor
que passa de lado a lado, numa vertigem de fogo!

Margens, amei-as e não sabia onde em mim vivia,
se tudo era um todo e desde o despertar o dia
dramatizava um apogeu e um declínio, rescaldos
de uma sabedoria há muito desaparecida do mundo!

Resta-me ser aqui quem sou pela primeira vez,
um homem perdido no medo, incapaz de dignidade,
aflito e corrupto como um adolescente ressabiado
frente ao mistério do amor que mata sem ferir!

A DOENÇA

Impossibilitado pelos sentidos do horror
de ser feliz e comum como outro qualquer,
inverto a necessidade do delírio ameno,
ajo como um selvagem gemendo a humanidade!

Versos velhos como um entardecer irrompem
no confuso mecanismo da sensibilidade, ser
extrapola-se para o irremediável conflito,
deixar de ser surge como um nefando castigo!

Barafusta minha ausência, clama minha perda
uma alma sincera como a dor do corpo aflito,
ninguém de mim me sugere um rosto de homem
perante o percalço visceral de um susto!

Só e acompanhado elimino sem saber o ódio
que me entronizou, a raiva surda de ontem
reaparece como um gesto de zelo, o espírito
entre um rumor de febre e o encantamento!

Para onde vou é uma expressão estática!
Sigo sempre em frente, vejo as coisas, o real,
mas sinto que algo se interpõe entre nós,
uma distância de desassossego e de delírio!

Cansado cambaleio na intransigência total,
os afazeres dúvidas, a imagem no espelho elo
quase intransponível entre quem quero ser
e o que de mim fica na memória do cataclismo!

Chamo-lhe doença e apetece extirpá-la viva!
Como? A ciência não sabe o que fazer, dá-me
sono e paciência como se estivesse aí o cerne
do que não sendo irrompe com pujança e dor!

TERCEIRA PARTE

A REALIDADE DO HOMEM

I hear the ancient footsteps like the motion of the sea
Sometimes I turn, there's someone there, other times it's only me.
I am hanging in the balance of the reality of man
Like every sparrow falling, like every grain of sand.

BOB DYLAN

SABEDORIA DITA HUMANA

Mesmo se a manhã não é fundamental nesta minha vida,
digo-o porque é verdade e porque é agora.

Sê-lo-á sempre? Ignoro. As coisas, os sentimentos,
aparecem num repente, ficam, depois vão-se,
imperturbáveis da nossa dor ou da nossa alegria.

Viver por vezes é fechar os olhos lentamente,
desconhecendo ou ignorando o que vai de acontecimentos
pelo trivial mundo da nossa permanência.

Outras vezes é necessário abrir os olhos
até à exaustão, e mantê-los vivos e acesos e ávidos
para que a realidade não se furte ao nosso ser.

Furta-se sempre, não é daí que vem a perda.
E quando digo perda, de que falo essencialmente?

Cuidado com as palavras. Está-se nelas, sei,
são a origem como o fim, sei, mas entretanto tecem
teias e tecidos e vozes que vão despovoando
a sensibilidade para nos trazer do mundo a canga
feérica do inaudito, do proibido, ou do já gasto.

Não há saída. O silêncio tão apregoado no século XX
é uma palavra, essa sim, terrível, desfigurando
o que de melhor o animal homem soube transmitir
ao longo dos tempos na sua sedutora sobrevivência.

Melhor mesmo, falar, descoser o tecido da ausência
com cânticos, se possível do cosmos ou da terra,
mas cânticos, isto é, vozes ordenadas para o ilimite
como se a possibilidade em abstracto fosse possível,
ou como se a necessidade em concreto coincidisse
em cada som proferido num estado de apaziguamento.

Assim, até esta manhã anódina reaparece funcional,
um elo imprescindível, um furo no tempo, a natureza
das coisas confundindo-se com a presença das coisas,
num sábio arranjo de harmonia e às vezes de tédio.

Tem que ser. Se se quer sobreviver à loucura,
só assim, desta insofrível maneira, deslizando
conscientemente pelo caos com um sorriso nos lábios,
certos da útil inutilidade de tudo, tão certos
que aqui estamos, irrazoáveis e ásperos,
fazendo das perigosas palavras uma tela quente
onde um coração metonímico pode pulsar em unísono!

14/1/86

A ÚNICA TAREFA

Um impreterível sol tenta irromper o enevoado da manhã,
cá o espero paciente como quem tem sofrido mais
do que o permitido ou mesmo o necessário.

Não que a natureza me fale ou diga o essencial
de uma estadia gratuita e arbitrária,
mas há a beleza, sempre inaudita e insuperável,
essa emoção que rejuvenesce no dentro de nós,
uma chama ardendo lentamente pelo tempo fora.

Mas não consegue. Parto difícil, o pensamento arma-se
de femininos prantos, tão bom estar vivo para sentir
através do olhar o invisível de uma luta diária!

Deveria dirigir-me ao passado e argumentar.

Mas só sinto asco, viver tem-me tirado a memória,
ser é como um problema de matemática que não se resolve,
algum dado que falta, algum erro no percurso,
uma falha nítida da nossa indesmentível inteligência.
No passado ao menos haveria terra firme e seria eu!

Seria? Deixa-me lembrar. Sei que nasci, sei que cresci,
sei que fui adulto de um momento para o outro,
há quem diga que procedo ainda como uma criança.

Só me lembro da dor, e é chato ser assim lembrado!

Das alegrias volvidas volve-se-me um riso áspero
por saber que foram verdadeiras e mesmo assim
se perderam, se corromperam com o tempo.

Nada resiste à desagregação, nem passado nem futuro.

Por isso me fico pelo presente, estar sendo, vivendo
cada percalço como pela primeira vez, sem dar conta
da queda ou do desperdício. Da efemeridade sei, sou
consciente até às fezes, mas que fazer, viver não é assim?

Algumas vezes procuro a ambiguidade do poema, um consolo,
nada realmente muda no reino da realidade circundante!

As palavras sofreram com a dita evolução do homem.

Envelheceram, deixaram de ser primordiais,
modificaram-se ao sabor dos interesses históricos,
hoje enterram-nos mesmo se o canto é de esperança!

Uma outra língua, eis a exigência contemporânea,
eis a única tarefa, se a dor não ardesse neste corpo
incapaz de compreender a importância do essencial!

14/1/86

APESAR DE TUDO

Apesar de tudo os dias passam e eu vivo,
apesar do sofrimento em que meu corpo me pôs,
apesar da maldade dos outros perante meu espírito.

Não sei quanto tempo vou durar, durarei tanto
quanto puder, lutando até ao fim, praguejando e insultando,
às vezes gemendo como um homem deveria mais vezes fazer!

Mas o choro é tão raro, as lágrimas não resumem a água
que parece haver no corpo lasso e obeso, tudo
me é difícil, tanto viver como morrer, e se a alegria
penetra meus sentidos por momentos de êxtase,
logo alguma coisa aparece e me vem dizer que se acabam
o gosto e o prazer e o iniludível orgasmo sensual
de uma hora aberta como vulva apetecida entre pêlos.

Claro, e que aborrecido, mais uma vez, tantas vezes já,
dizer que a música existe e é contemporânea e popular,
dizê-la como transcendência do quotidiano,
um aceno quase divino das possibilidades extáticas
neste homem que se tenta ser com tanta dor e tanto espanto!

Ela, que não é mulher nem ama, me embala docemente,
deve ser isto o passado ou mesmo a criança esquecida,
estar assim tão atento a cada som, a cada respiração,
eu música, música de mim em mim prefigurando outro mundo,
outra dimensão do humano, a perfeição do acabado,
a harmonia do completo, o diapasão orgânico do cosmos
quando este se confunde na língua com o universo.

De versos vivo eu, cada dia mais dependente,
não é a liberdade que me abre o corpo à deslocação
entre quem sou e quem serei sem nunca ter sido?

Ei-la, a cabeça já em dor, digo, não é nada,
mas haverá persuasão para uma carne que nos dói?

E quando a dor muda, aloja-se no peito, sobre o coração,
para me deixar ainda mais lívido e apreensivo!

Bate timidamente o clarão do sol matinal sobre a folha
onde escrevo este precioso e instigante poema.

É-se alegre só por sê-lo, assim, diante da natureza
que nos desarma com padrões existenciais de essências
reduzidas ao limite do símbolo, neste caso, gerador!

14/1/86

MAIS UM DIA

Levantado, lavado e vestido,
a laranja e a maçã como pequeno almoço,
que me espera do dia?
O trabalho só às duas da tarde,
as lições mais ou menos preparadas, que fazer?
Levantou-se também uma manhã enevoadada,
o rádio já deblatera alguns últimos sucessos,
a cama desfeita, para lhe dar ar,
é pelo menos a desculpa,
e eu tão indesculpavelmente retórico!

Os medicamentos engolidos, a cabeça sem saber
muito bem para que lado se dirigir:
ou para a dor ou para a lucidez.
Pressuroso vim gastar-me neste enleio,
o mundo o que me é?
Ainda ontem li uma *plaque*
bilingue, espanhol e inglês, de poesia,
de uma estudante bilingue que tenta os primeiros passos
num trilinguismo onde esta língua também seria!

Nada a dizer. Nenhuma dor!
Lá em cima, posso ver através da janela,
um sol que tenta irromper o tecido de cinzento
que caiu sobre a cidade.
De vez em quando, um clarão, o fogo branco
trazendo ou lançando sobre a terra este amarelo
que inebria os sentidos e que nunca se gasta.

Sou feliz? Não sei responder.
Não deveria ter feito a pergunta.
Levantado e medicamentado, eis-me, escrevendo
como uma necessidade imperiosa palavras, acenos,
células de um corpo que bem poderia ser o meu.
Não é! Não tenho nenhuma esperança que o seja,
acho até que está bem assim, assim dito!

TRAMADO

Quando não se possui nenhuma filosofia subjacente,
é uma alegria dizer convicto as asneiras,
ideias irreais que nos cortam a consciência
como se as facas fossem meros instrumentos imaginários.
Quando se não tem memória, é o dia que certamente
conta, contando as horas que desfilam ora céleres
ora estagnadas de preocupação e de natural angústia.
Agora cabe ao sol explodir no céu esbranquiçado,
já tive outros vocábulos e neles fui feliz
como um menino que brinca com a morte e sua essência!
Amar é a chave. Todo eu, abstractamente,
mas não hipocritamente ou cinicamente, sou amor,
derramo-me pelo asfalto da cidade ou levo-me no carro
aos sítios mais desiludidos da transparência
e do declínio, falando, claro, metafisicamente!
Meu corpo não ajuda. Dói. Ora aqui ora ali, há sempre
um lugar onde o sofrimento humano, muito concreto,
reaparece para nos dizer: Olá, como estás?
Não sei como estou. Sei que cada dia é um pesadelo,
algo em mim está descontente e se rebela,
mas o quê, e como, e porquê?
Uma poesia que se questiona, é, por definição,
má! Que raio de estética estou eu a incubar agora?
Tudo deveria ser... Vou repetir: tudo deveria ser
humor e profundidade, clamor e essencialidade,
na perfeição de um verbo que não ousa ser maiúsculo!
Porque a manhã amanheceu, o dia divaga pelo inquestionável
como uma barco comparativo e simbólico naufragando
no fogo que lhe é interior e anterior,
não é um jogo de palavras, posso afirmá-lo!
O que é ignora-se e eu desconheço. Se fosse poesia
teria os papéis em ordem, não tem. A não ser
que a poesia tenha muito mudado!
De qualquer maneira, quando não se possui, o quer
que seja, está-se sempre e simplesmente tramado!
Era a moral desta história, ó leitor (a), desculpa lá!

AQUI E ALÉM

Pelo cão! o gozo que estou a ter.
Que bela ideia a de vir escrever estas linhas
para desopilar a noite e os anos de vida já vividos.
Vividos?!... Estou a brincar. Enfim, pelo menos,
tragédia, hoje, não há, não a sinto, não a vejo,
já é alguma coisa!
Sei que milhares de pessoas morrem neste momento,
algumas de fome e sede, mas onde a morte me faz mal
é mesmo em mim, quando ainda estou vivo
para senti-la penetrante e selvagem e doméstica.
Dos outros apenas a pena que sinto por mim!
Ninguém quer resolver nada, e o Nada impõe-se
naturalmente como uma incógnita feliz.
Mas falava-te do gozo indelével e inefável
que agora sinto, é tão raro ser esta consciência,
estar assim, de boca aberta e língua apoplética,
escrevendo a nulidade do testemunho ou as nonadas
de uma necessidade humana que se resolve pelo Verbo!
Ao fundo a música, e balanço, mesmo sentado,
ao sabor do ritmo, este poema merece um prémio,
pelo seu encanto, pela sua metamorfose,
pela sua novidade em tudo que tenho feito
possivelmente nos últimos anos!
Dançar, como outrora, na juventude e em Londres,
(do que me fui agora lembrar), parecia, disseram-me,
um deus antiquíssimo transpirando e expelindo
acentos sexuais que me eram correspondidos com beijos
de mulheres tão desconhecidas como elas todas!
Engraçado, quando se fala de gozo, acaba-se sempre
na mulher. Talvez seja natural! Mas é uma limitação.
A sexualidade deveria ser mais do que isso,
isto é, do que uma vagina e um pénis.
Acredito, como filósofos acreditaram, no amor universal.
Mas está tão difícil! Perante os cadáveres negros,
de homens e mulheres e crianças, que resta do amor?

POÉTICA

A janela é um mito. Escancarada dá-me a árvore,
que é um símbolo. A língua é um instrumento,
a linguagem, um barco à deriva.
A realidade chama-me e nada me diz.
É chato! A música diz-me tantas coisas
que por vezes penso que não existo para ser só
sons seguidos uns aos outros, enquadrados em modelos
de melodia onde, possivelmente, não faltará a harmonia.
Se faltar, tanto pior! O importante, contudo, é a janela,
e o facto de se encontrar escancarada...
Digo, a janela real, indiferente ao mitológico olhar
de quem a vê. Não me perguntem porquê!
Por vezes, de repente, quase de súbito, tem-se uma revelação.
Não dura muito. Não nos diz nada. Mas aparece, irrompe,
traz uma luz que cega momentaneamente, um calor branco,
e depois, do cicio e do revérbero, esvai-se em nada.
E pensa-se, quando se é estúpido: Pelo cão! o que me aconteceu?
Serei predestinado? Não pertencerei ao reino dos homens?
Alguém algures me fala por cegueira de sentidos,
só para me dar a conhecer a sua ausência?
Que foi desta vez? Não sei. Nunca sei o sigilo,
apenas sinto o vulcão, a lava, o calor, a loucura ágil
dispersando em cataratas minha sensibilidade irreductível!
Daí a importância da janela, nem a imaginária nem a real,
mas a outra, de que posso falar por pura ignorância,
confundindo a semântica e os mecanismos serôdios
da complacência! A janela janela, às vezes escancarada,
às vezes fechada como um corte com o mundo.
Daí a pouca importância de quem, por dizê-lo, escreve!
Há sem dúvida uma distância. Um mistério.
Chamei-lhe ao longo dos anos, alcance, ao sem sentido
sentido na carne como uma presença irreal.
Nada mais sei. Se nasci, se vivo, se morrer, tudo está certo.
Mas algo falta! E o que falta faz a felicidade
desta poesia! Assim, como se Nada fosse.

JANEIRO DE 86

Janeiro nestas plagas ainda desconhecidas
não é um mês como deveria. Irrompe solene o sol,
um calor de Verão invade a terra, a luz elucida
melhor do que ninguém ou nada o prazer de se ser vida.
É-se, no meu caso, quanto se pode, e pode-se pouco.
Meu corpo manda. As drogas são uma droga, e a vertigem,
aquela que não é poética mas real e verdadeira,
essa faz sempre chegar ao medo um influxo de adrenalina.
Que fazer? Nada. Os médicos foram consultados,
foi-o o destino? Que a fortuna e a sorte, entidades
antiquíssimas, presidam ao meu estar ferido no mundo!
Mas é do tempo, como homem comum, que quero falar.
Para quem? Isso interessa? Os leitores nunca são ninguém,
não é menosprezo ou desprezo, é uma reflexão minha.
O papel branco exige-o. Disse-o. Muitas vezes.
Digo-o mais uma vez, a repetição, não dizem os teóricos,
não está na base do ritmo, e o ritmo, de toda a poesia?
Assim mesmo, quero dizer, tautologicamente sentindo?!
Um céu azul como em toda a parte, das que conheci,
algumas nuvens perdidas em divagações escatológicas,
e por isso duplamente perdidas, esvaindo-se em branco
como se fosse possível imaginar líquido o esperma
do homem em farrapos de uma matéria mais espiritual.
E a árvore que quer entrar em meu quarto estarrecido,
seus ramos deliberadamente pressionando as vidraças
de uma janela estendida como corpo neutro sobre a cama,
confesso que as imagens me falham desesperadamente!
Sim, Janeiro em Santa Barbara, California, e a confusão
nos meus sentidos acostumados à Europa do Inverno frio,
sim, e eu e a música, e a manhã soberba de esperança,
como um dedo de deus na testa de quem se sabe um génio.
E a conspícua dor, salvaguardadas as imitações, a dor,
não a universal e comum à humanidade como condição,
a dor concreta, e sobretudo, a odiosa vertigem, a cegueira
momentânea, e o medo, medido a tempo e a compasso,
o medo diluindo a possibilidade da realidade aparecer assim!

17/1/86

INTERPRETAÇÃO

Confinado ao inessencial perduto pelo espírito
como um homem sem destino nem origem, a vida enigma,
a morte uma necessidade premente dos sentidos!
Coisificado em palavras derivando total música,
a língua aparece-me como um tesouro inconfessado,
e a ambiguidade acena-me certos ritos da história.
Sou colhido vivo como um horizonte que se abre,
falo a fala hodierna de um nada misterioso, cicio
ao nenhum ouvido de ninguém quem me sou cerzido
entre drásticas medidas da desmedida loucura!
Tudo corresponde ao olhar que se joga atrevido,
essência, só se for no malogro da paisagem anímica,
aqui perde-se e queda aflito um desvairo humano.
Há muito que se diga, mas a inspiração espera o sinal,
e se não prospera o desejo, o prazer é diminuto,
vaso onde flores ganham do tempo a eternidade nua!
Quem sou sobe e sua e sofre, cede quotidianamente
ao trabalho da inteligência, o medo em cada poro,
de cair definitivamente como corpo transcendido,
um charco de sangue navegando a calçada da cidade!
Porque é essencial definir o limite, penso, não sinto
o que penso, a separação nevrálgica estabelece a lei,
uma outra, diferente da que me presidiu estes anos
desde o berço presumível à idade da transmutação!
Algures sofri um lapso de tempo, algures em mim
qualquer coisa de incógnito começou a sobreviver
como matéria estranha ao meu ser, e isso, isso desfaz
pouco a pouco a realidade de ter sido, a ideia leda
de que um homem é um homem apesar de nada e de tudo!
Dói-me viver assim, o corpo sofrido e doente, a dor
ora no peito para me dizer que pode ser o coração,
ora na cabeça para me insinuar um tumor maligno!
No horror e no temor e no terror vivo, morro, ardido!
Cinzas de mim esvoaçam patéticas no espaço inicial,
esta é a terra, este é o mundo, só eu não sou mais eu!

RECONCILIAÇÃO

Pela música traduz-se quem poderia ser.
Amo essa possibilidade, passar a voz, a tragédia
incidindo plena na platitude mesquinha
de um quotidiano desfeito em nonadas históricas!
Nesses sons de guitarras, se possível acústicas,
desfibro uma essência que me altera e eleva,
meu ser transferido para o lugar do mistério,
o das coisas consabidas numa eternidade sem tempo!
Velhas canções passam pelo rádio escancarado,
vi-as nascer em vários sítios da terra,
amei-as como filhos que não nos atraçoam,
como estrelas num céu nocturno de negrume,
fachos perdidos no sem sentido da estranheza,
que é o berço onde do mundo se soube a sorte!
Sinto-me repentinamente tão bem, o corpo doendo,
um choro brando invade-me a nostalgia inoportuna,
fui tão real, ó palavras!, fui tão intenso,
um homem, sentindo e vibrando e crescendo ávido
de vida, de formas e estrénuas expressões,
ouvindo os outros como se fora eu um deles,
criando som a som a imperturbável canção,
entre raivas e ganas e náuseas de rebeldia!
Passei no tempo como se possuísse uma história,
estou nu, finalmente só, extraordinariamente feliz
por ter assistido a partos de mim e a partidas
de lugares onde sem dúvida sofri e gozei viver,
a chegadas a outros diferentes pontos do globo
e da sensibilidade, olhando e algumas vezes vendo,
mas sempre sentindo que algo existe como voz,
ciciando mistérios e amálgamas de luz, um poema,
esta manifestação irredutível do nada, inutilidade
feérica onde o homem reconhece sua tarefa,
numa estranha alegria de todos os plausíveis elos
que compõem e desfazem a multidão de sentidos!

17/1/86

A DITA REALIDADE OBJECTIVA

Esqueçamos as dores e a morte,
nasceu um dia tão belo no seu sol anímico,
deixemo-nos fluir na contemplação do redor.

A vizinhança que me dá esta aberta janela
não possui horizonte, só a árvore emblemática.

Do outro lado, da sala de estar, a janela abre-se
pouco entre cortinados esbranquiçados, bate-lhe o sol,
e do pouco que se vê vê-se vizinhos que devem ser pobres.

Gente simpática, oriental e de outras américas,
debitando línguas que me são totalmente desconhecidas,
ou outras que da minha se distanciam apenas o suficiente
para serem outra língua, outra cultura, outro povo.

Da outra janela, virada para o poente, vejo a América,
algumas vizinhas que se põem de vez em quando
a sofrer o sol na pele apetecida de cremes benzida.

É o lado do apartamento mais ambíguo: traz-me a beleza
de extraordinários pores do sol entre matizes de luz
que me fazem ser pintor e como homem viver a ave
para poder flutuar sem peso nem medida nem alcance.

Mostra-me, ao mesmo tempo, o factor humano.
E aí, de duas uma: ou excessiva timidez, ou indiferença.

Blasé não pertence à língua que falam, mas às vezes
há uma grande semelhança entre esse sentimento
e a mera, obtusa, obstupefacta estupidez.

Não sei. Nunca falei com um vizinho. Nunca me vieram
bater à porta, nunca lhes bati à porta, por timidez,
no meu caso, no deles e delas, uma incógnita.

Estou assim cercado apenas de casas e da natureza,
sinto o cheiro do eucalipto como o fedor da nafta
que torres ao longo da costa bombeiam incessantemente.

Ouçó, como em Portugal, música. Não há problema.

Faz-me falta a família, a mulher por razões óbvias,
(quem escreve este quase poema é um homem!),
a filha como enternecimento do que nunca fomos
e vemos num ser humano que de qualquer maneira
está relacionado à nossa carne, ao nosso espírito!

Isto parece mais uma relação do que um objecto
da arte que me faz rir e de que duvido como leitor.

Mas enfim, não falei, pelo menos, do meu sofrimento!

18/1/86

MEDITAÇÃO

Manhã foi-o até há pouco,
já a tarde desliza ínsua
sobre o mar que fica ao sul,
um clarão de que a palavra
não consegue dar a tonalidade
nem a luz que escorre e voa
como se caíndo de uma fonte.

Longe no céu azul o sol nu,
a cegueira, a tentação, o erro
de quem se pretende ou se acha
vindo de outro mundo, um planeta
anímico e imaginário a perder
com a memória a necessidade
histórica de existir ilusão.

Amo as palavras? Não respondo.
Amo a vida? Amo-a mais e mais
que tudo na vida, até o amor,
a felicidade que se persegue,
os anos passando indiferentes
à luta pela sobrevivência cruel,
ao luto que nos trama o coração.

Amo os homens? Alguns, algumas
mulheres também, sem dúvida, ecos
de um ser em mim ausente, irmãos
nesta passagem do nada ao nada.

Amo-me? Às vezes duvido, embora
me apontem uma excessiva mania
para só dizer eu, eu, eu, pensando
nisso ver o espelho do egotismo.

Estranho dia! Um pouco de fome,
o olhar que lanço é-me um acaso
numa filosofia tratando feliz
de ontologias e de metafísicas.

O corpo correcto e pervalaz, eu
sei que esta acalmia não durará
mais que algumas horas. Aproveito,
de qualquer maneira, em êxtase,
o não me sentir de fora,
ou demasiado por dentro.

Qualquer escória da sorte
que me abandona hoje em dia,
talvez por castigo divino,
talvez por absurda nulidade
do que se é em pleno destino, é
uma presença do eterno homem!

18/1/86

REPTO

E como uma sombra, em todos os momentos do dia,
em todos os sonhos da noite, esta obsessão,
dizer o essencial, descer às profundezas do lume,
subir ao pináculo da luz, a voz balouçando!

Ir mais longe, cada vez mais longe e nítido,
abrir o mundo e despossuir o homem habitável,
entregar ao silêncio o ruído da consciência
quando pela língua o que é, é transmissível!

Fechar os olhos, abrir os olhos, fica o olhar,
o gosto e o tacto, o ouvido e o olfacto, sentidos
como portas ora abertas ora fechadas, e longe
o importante, acenando risos de irrisão, o elo
desaparecido, a imagem inventada de um futuro
onde quem se julga homem o é pela vez primeira!

Então, dramática, a realidade circundante apaga-se,
nada significa nada, nem sequer como coisas ou seres,
nem sequer como objectos construídos pelo homem,
apenas um espanto de silêncio no olhar extasiado,
a estupidez de quem não sente nem compreende,
o grande degelo do vazio que desce a montanha
onde nenhuma metáfora é mais um processo verbal,
mas um absurdo absoluto, um apogeu de migrações
afectivas como intelectuais, o mundo presente bomba,
entre o que está e o que é e essa distância tensa
como corda ou cordão umbilical separando do facto
a essência impossível, almejada, translúcida de voz!

Nunca lá estive, não sei se por lá passei, distraído!

Persegue-me o que persigo, um sinal, apenas um zelo,
a perfeição contraditória do mundo como explosão
onde pudesse respirar e viver o sonho da existência,
feliz como barco navegando sem água pelo céu azul,
um gesto e um sorriso e um aceno e um discurso,

finalmente livre da contingência e do ávido corpo,
mesmo se tivesse que pagar o preço máximo: não saber
mais em que homem vivo ou em que terra habito, sabendo
contudo que do começo como do fim a voz transcreve
os segredos nenhuns da miséria que se faz humana!

19/1/86

SENTIR DE OLHOS FECHADOS

Não poder feiticeiro decompor a dor rotineira,
estragar os delírios e confundir em altivez
quem me dilui em medo e perseverança, essa lança
certeira e terrível esfacelando a minha presença
como se da inteligência nada sobrasse, ou apenas
a lembrança de um outro mundo numa outra esfera!
Cativo e vítima vou e espero, a ânsia um teorema,
a vertigem uma passagem ao impossível do eterno,
entre lamúrias que me são humanas e extemporâneas,
entre ódios que se desfazem em raivas castradoras!
Homem sem século não soube nascer nem existir!
Esteve sempre a mais, mesmo quando o número certo
denotava uma filosofia de vida ou um erro crasso!
Homem perdido no sem razão e no sem sentido,
liberto das cláusulas que prendem à sociedade
onde o destino é hoje o que a morte foi outrora!
Homem despossuído e sereno e seráfico à sua maneira,
enigma galvanizante de uma totalidade exorbitante,
nulidade essencial no redemoinho da pobre história!
Sibilino e trágico o silêncio paira e passa e diz
quanta luz fere a própria ideia de salvação,
infeliz é um adjectivo numa língua contemporânea,
o sofrimento vem de longínquas paragens no tempo,
sem memória nem alucinantes perspectivas, confunde
a sombra como a distância que a liga ao objecto,
e o objecto é finalmente um homem desumanizado!
Fez-se pouco a pouco, foi assim pelo progresso
que a monstruosidade se implantou no vômito verbal,
um cântico dessacralizado e desossado: eis o poema,
um dejecto da imanência percutindo na transcendência
de uma inicial cicatriz onde sangue escorre quente
como se a vida só pelo derrame soubesse seu nome!
Nada é o que nos espera: nem silêncio, que o há aqui,
nem dor, que sobra! Um inefável! Oco do indesculpável
exaurindo a vida da sua consciência, sua sensibilidade!

19/1/86

LIVROS ESCRITOS EM SANTA BARBARA,
CALIFORNIA, USA

OBRA DO AUTOR

(POÉTICA E PORÉTICA)

PRIMÍCIAS

MEMÓRIA DO PRESENTE (publicado)
VIOLÊNCIA E NADA
SUOR DO TÉDIO (publicado)
TRUÍSMOS E CURIOSIDADES
A HORA E O CÍRCULO

EXÍLIO

O EXÍLIO
RAÍZES E PORTOS
DEPOIS DA MORTE
ESTAR SENDO

REGRESSO

ESTRANHEZA
CANÇÕES (publicado)
EMERGÊNCIAS
ASSIM (publicado)

A CONFUSÃO

VIDA
A DIFICULDADE
DESERTO DISERTO
FORA DA LEI

A IMPERFEIÇÃO

FAZER PELA VIDA
ÊXTASES E ÍNSTASES
EXPLOSÕES
A QUALIDADE DO HOMEM
ESSAS VOZES (publicado)

2 ANOS DE ESCRAVIDÃO I

ALIENAÇÃO
DISPARATES
DESEJO LOUCO, PRAZER BABÉLICO
75 SONETOS (publicado)

2 ANOS DE ESCRAVIDÃO II

SETEMBRO (publicado)
TUDO PARA NADA
EU NÃO EXISTIA, ESTAVA ALI
LUGARES COMUNS
SONETOS IMBECIS (publicado)

A DOENÇA I

VARIAÇÕES SOBRE O MEDO
SONETOS PORTUGUESES (publicado: www.silvacarvalho.com)
SER HOMEM
AO ACASO (publicado)

A DOENÇA II (ISLA VISTA)

O ENIGMA DA IDENTIDADE (publicado: www.silvacarvalho.com)
NA PELE CERTOS SINAIS (publicado: www.silvacarvalho.com)
CAOS (publicado)
INDELÉVEL INEFÁVEL (publicado)
4328 (publicado: www.silvacarvalho.com)

NO FIM O COMEÇO (CYPRESS WALK)

CHAMAS (publicado)
PROCURAS (publicado)
AO VIVO (publicado)
A CORAGEM COMO PRESSUPOSTO POÉTICO (publicado)
A EXPERIÊNCIA AMERICANA (publicado)

PENTALOGIA AMERICANA

DA ESTUPIDEZ (publicado)
ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (publicado)

NEM PROSA NEM POESIA, OUTRA COISA (publicado)
EM QUESTÃO (publicado)
O PRESENTE, A PRESENÇA (publicado)

TRILOGIA PORÉTICA

O PRINCÍPIO DO ECO (publicado)
TEORIA DA DISPONIBILIDADE (publicado)
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (publicado)

TETRALOGIA FÁTICA

ESTADOS, PROCESSOS E ACONTECIMENTOS (publicado)
A EXPERIÊNCIA DA EXPERIÊNCIA (publicado)
HAVER (publicado)
O TRABALHO DA CATACRESE (publicado)

DÍPTICO MUSICAL

QUASE (publicado)
A REDE DO DISCURSO (publicado)

1996: AS ESTAÇÕES

EVIDÊNCIA E TRADUÇÃO (publicado)
A DESFUNDAMENTAÇÃO (publicado)
O PROBLEMA (publicado)

MAIS OU MENOS (publicado)

NEW ENGLAND

IMPROVISACÃO PROVISÓRIA (publicado)
PERPLEXIDADES DO PARADOXO (publicado)

MEDIOCRIDADE (publicado)

ELAÇÕES DO PEJORATIVO (publ.: www.silvacarvalho.com)

O SIGILO DO DISPARATE

MUITOS ANOS DEPOIS (publicado: www.silvacarvalho.com)

AO DESBARATO

LOGO (publicado: www.silvacarvalho.com)

TALVEZ (publicado: www.silvacarvalho.com)

ENTRE

(ROMANCE E ATINENTES)

O RITO (publicado)

PALINGENESIA (publicado)

PASSAGEM DAS HORAS

O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (publicado)

QUE ESTUPIDEZ! (publicado)

CINCO CONTOS

DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (publicado)

(ENSAIO)

A LINGUAGEM PORÉTICA (publicado)